

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA**

**BAIRRO VIOLEIRA: DIALOGANDO DIFERENTES
REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO**

Manuela Pereira de Almeida Pinto

VIÇOSA – MG
JUNHO DE 2008

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA**

**BAIRRO VIOLEIRA: DIALOGANDO DIFERENTES
REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO**

Monografia apresentado à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências da Disciplina GEO 481 – Monografia e Seminário do curso de Geografia.

Autor: Manuela Pereira de Almeida Pinto

Orientador: Maria Isabel de Jesus Chrysóstomo

VIÇOSA – MG
JUNHO DE 2008

Monografia defendida em 03 de julho de 2008, perante banca
examinadora composta por:

Professora Maria Isabel de Jesus Chrysóstomo
Orientadora

Prof. Ulysses da Cunha Baggio

Prof. Antônio de Oliveira Júnior

Agradecimentos

À geografia que, através de professores e geoamigos, me proporcionou ver o mundo com novos olhos, tomando consciência das belezas e perversidades que existem e de descobrir que cada um de nós é agente potencial de transformação dessa realidade.

Agradecer aos meus pais e irmão que, apesar da distância e do restrito contato, sempre estiveram presentes com muito carinho e oração, além de todos seus ensinamentos que nunca deixaram os meus pensamentos, ajudando-me a traçar meus caminhos.

Aos professores do curso de geografia, em especial à professora Maria Isabel, pelos valiosos ensinamentos durante toda a graduação e principalmente neste último semestre, pela serenidade e carinho nas suas orientações que me trouxeram tranquilidade nos momentos de trabalho.

Ao professor Luís Ângelo pelos momentos de orientação e reflexões geográficas.

À Renata, por tudo, coisas impossíveis de descrever e mensurar, mas principalmente pela paciência, amizade e exemplo.

Ao Edson, pelas palavras e o ombro amigo, pelas reflexões sábias que impulsionaram a *iniciativa* de conclusão deste trabalho.

À Gema, pela amizade, paciência, disposição e esforço em ajudar na conclusão deste trabalho.

À Gislene, pelo companheirismo, amizade e motivação no trabalho coletivo.

Ao Fernando, pelo carinho, ajuda e estímulo no início da caminhada.

Aos grandes amigos como Marcella, Mari, Fabinho, Davi, Erineu, Élson, Priscila e Rafael, pessoas inesquecíveis que foram e são fonte de força e alegria nesta caminhada.

À Viroleira, pela inspiração e momentos inesquecíveis. E a muitas outras pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a minha formação pessoal e profissional.

Minha eterna gratidão e carinho. Manu.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 PRETENSÕES	10
3 METODOLOGIA	11
4 DEBATENDO O URBANO E O RURAL	14
4.1 O Brasil: peculiaridades do desenvolvimento dessa sociedade	18
5- VIÇOSA: DA PEQUENA CIDADE À CIDADE UNIVERSITÁRIA	25
5.1 O surgimento da UFV	25
5.2 A UFV e o crescimento de Viçosa	26
6 VIOLEIRA: DE ROÇA A BAIRRO URBANO	30
6.1 Caracterização e crescimento do bairro Violeira	30
6.2 O cotidiano e as relações entre os moradores	34
7 DESENHANDO A VIOLEIRA COM DIFERENTES PINCÉIS	36
7.1 A representação e o espaço	36
7.2 A representação do bairro pelos moradores novos e antigos	39
7.3 Como os agentes imobiliários representam o bairro	43
7.4 O olhar de moradores de outros bairros da cidade sobre o Violeira	46
8 O IMAGINÁRIO MODIFICANDO A REALIDADE	50
8.1 As representações e visões do futuro do bairro transformando a sua paisagem	50
9 CONTEMPLAÇÕES FINAIS	54
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55
11 ANEXOS	57

ÍNDICE DAS FIGURAS

Figura 1-Localização do Município de Viçosa no Estado de Minas Gerais e no Brasil – 2007	27
Figura 2. Malha urbana do Município de Viçosa MG – 2006	28
Figura 3. Evolução da população do município de Viçosa-MG, 1960 a 2000.	29
Figura 4. Área do Condomínio Recanto da Serra	31
Figura 5. Imagem aérea do Bairro Violeira	33
Figura 6. Diferentes Imagens do espaço do bairro Violeira pelas Imobiliárias.	40
Figura 7. foto 1-Recanto da Serra; foto 2-Vila; foto 3 – área mais distante da rodovia	43
Figura 8. Diferentes Imagens do Bairro Violeira pelos moradores de outros bairros.	44
Figura 9. Diferentes Imagens do bairro Violeira pelos Moradores Antigos.	47
Figura 10. Diferentes Imagens do bairro Violeira pelos Moradores Novos	47
Figura 11: Caracterização do bairro Violeira a partir dos diferentes agentes	50
Figura 12. Caracterização do bairro Violeira pelo total dos entrevistados	51
Figura 13. Expectativa acerca do futuro do bairro Violeira pelos diferentes agentes	52
Figuras 14. Fotografias utilizadas nas entrevistas às imobiliárias e a moradores de outros bairros	57
Figura 15: foto aerea do bairro Violeira	61
Figura 16: principal acesso ao bairro Violeira	62
Figura 17. Construções irregulares, sem delimitação do passeio.	62
Figura 18. Na vila da Violeira mostrando as ruas estreitas.	62
Figura 19. Venda de lotes em imobiliária	63
Figura 20. Venda de lotes diretamente com o dono.	63
Figura 21 e figura 22. Condomínio Recanto da Serra	63
Figura 23 e 24. Vista da vila da Violeira	63
Figura 25 e 26. Vista da área considerada rural da Violeira	64

1 APRESENTAÇÃO

As definições do espaço urbano e rural têm passado por transformações, principalmente após a década de 50, em decorrência da Revolução Verde¹. A partir dessas, surgiram novos produtos e técnicas de produção (pacote tecnológico) que foram vendidos aos países considerados em desenvolvimento como Brasil, México, Argentina, dentre outros.

Tais mudanças modernizaram o campo de modo que, para a realização das atividades agropecuárias, era necessária a aquisição de novos produtos e serviços (como a assistência técnica). Em consequência da introdução da agricultura moderna, observa-se processo de crescimento das propriedades de médio e grande porte visto que os pequenos agricultores não possuíam capital para esses investimentos. Ademais, o modelo agrícola moderno não se adequava a pequenas propriedades rurais por possuir insumos de alto custo, só compensando a introdução nas grandes e médias áreas de produção, onde havia retorno rápido do investimento feito. Diante desse quadro, há um processo crescente de concentração de terras por causa do interesse de grandes empreendedores em comprar terras para a implantação dessa agricultura moderna e da dificuldade inicial dos pequenos agricultores competirem, frente à nova forma de produção no campo.

Em função do exposto, desencadeia-se o êxodo rural (no Brasil a partir da década de 50), com a saída de pequenos agricultores que vendem suas propriedades e de trabalhadores rurais que perdem seus empregos em decorrência do uso de maquinários que suprimem a necessidade de mão-de-obra numerosa. Além disso, há a necessidade de empregados capacitados tecnicamente para o uso dos novos equipamentos, a exemplo dos tratoristas.

No decorrer dessas mudanças surgem no campo infra-estruturas antes somente encontradas no espaço urbano (telefone, iluminação elétrica, captação de esgoto, asfalto, *internet* etc). Entretanto, considera-se que tais alterações no espaço rural, resultantes da Revolução Agrária, não propiciam todas as condições para que o campo perca importância e particularidade, apesar de, no século XX, alguns teóricos chegarem a alegar isso.

Diante do exposto, a falta de discussão a respeito das novas faces do rural e do urbano resulta na delimitação das cidades brasileiras com critérios insuficientes², limitando o rural simplesmente pelo seu caráter agropastoril. Por isso, pode-se encontrar vilas e povoados designados como cidade. Na maioria das vezes, os critérios utilizados pelo IBGE (Instituto

¹Segundo Cavalet (1996) apud Miná Dias, a Revolução Verde é um “termo cunhado pela indústria multinacional de sementes, decorrente da introdução de cultivares que ampliaram muitas vezes a produtividade das espécies cultivadas”.

² Serão expostos no desenvolvimento do trabalho.

Brasileiro de Geografia e Estatística) não consideram as particularidades de cada região ou lugar. O instituto considera a dimensão político-administrativa, onde é urbana a porção de território legalmente definida, na qual está localizada a sede do município e do distrito, a população, as construções (arruamentos), junto a isso estão os interesses fiscais e o âmbito dos poderes do município com a arrecadação tributária. Surge, nesse contexto, a necessidade de debater os conceitos de rural e urbano, em decorrência das novas funcionalidades e novos atores e buscar, assim, compreender quais as diferenças existentes entre esses conceitos, trabalho que poderia auxiliar na discussão sobre os critérios que têm sido utilizados atualmente.

O argumento anterior sugere a não limitação ao discurso simplista da falta de estrutura no campo, sendo caracterizado como atrasado, e a cidade como espaço moderno, ou a idéia de que o primeiro estaria unicamente sofrendo processo de urbanização e, por conseguinte, desaparecendo. Da mesma forma que a cidade, o campo passa por transformações, inclusive com o surgimento de novas atividades (pluriatividades³), por vezes não necessariamente agrícolas. O campo, nesse processo de mudança, tem recebido novos atores que saem da cidade, entretanto, esses têm visão e apropriação diferenciada do espaço rural.

Em tal contexto, este trabalho teve por finalidade analisar um bairro, identificado por Violeira, que se encontra a seis quilômetros do centro da cidade de Viçosa, MG, por apresentar diversidade de elementos ditos rurais e urbanos. O entendimento, que alguns moradores de outros bairros da cidade de Viçosa possuem, é desse local constituir parte da zona rural viçosense. Em contraposição a essa apreciação, a partir de 2000, a Prefeitura Municipal de Viçosa passa a definir o Violeira como pertencente ao perímetro urbano.

A escolha desse lugar como fonte de estudo foi motivada também pelo fato de ter sido moradora desse bairro, nos anos 2006 e 2007, e sempre questionar a definição dada para o bairro e o que motivava as pessoas a residirem nele. Também houve estímulo para analisá-lo o fato de que, desde a infância, ter vivido no centro de uma pequena cidade interiorana paulista e, antes de ir para a universidade, nunca ter tido fortes laços com a terra e atividades

³ Segundo Carneiro (2005) apud Miná Dias (sem data), "...a noção de pluriatividade surge no cenário internacional na década de 70, e no Brasil na década de 90, para designar o conjunto de atividades não-agrícolas, remuneradas, exercidas por um ou mais membros das unidades familiares agrícolas. O termo passa a ser empregado, então, para se referir à combinação de atividades agrícolas com outras atividades, não-agrícolas, dentro de uma mesma família. Por atividades não-agrícolas entendem-se, normalmente, aquelas que não estão envolvidas diretamente com os processos de produção animal e/ou vegetal. (...) a palavra pluriatividade enfatiza justamente o recurso a múltiplas atividades pelos mesmos atores sociais (agricultores e filhos de agricultores), rompendo assim com a rigidez das práticas das categorias profissionais. Assim, a noção de pluriatividade deve ser entendida nesse novo contexto das relações de trabalho e da crise provocada pelo modelo de modernização agrícola".

rurais. Nesse contexto, alguns questionamentos surgiram pelo fato observável no bairro Violeira pela busca de moradia por professores e alunos da Universidade Federal de Viçosa (UFV), procurando áreas distanciadas do centro como atitude alternativa ao caos urbano (poluição, violência, trânsito, ruídos, falta de espaço nas moradias etc.).

Dessa forma, as seguintes questões se esboçaram: o que leva esses atores a escolherem o bairro? Será esse movimento migratório negação da cidade ou resgate do rural? Para a migração ser considerada resgate seria necessário que as pessoas envolvidas tivessem, anteriormente, algum tipo de contato com áreas rurais, no entanto, o que se observa é que a maioria desses novos atores tem como origem a zona urbana de médias ou grandes cidades.

Posto isso, observa-se então o fato de os novos habitantes do bairro Violeira possuírem origens distintas, terem diferentes históricos, serem de cidades com características diversas e, por conseguinte, possuírem experiências diferentes a respeito do espaço rural e urbano. Essa realidade leva à reflexão sobre as distintas concepções que os novos moradores possuem a respeito do lugar em que vivem, assim como as várias representações que serão geradas a partir dos diversos entendimentos do espaço.

As diferentes imagens que possuem a respeito do espaço e os históricos de formação de cada indivíduo irão formar distintas identidades com o bairro, tanto de pessoas que residem como daqueles não residentes nesse lugar. As identidades, por fim, suscitarão formas variadas de apropriação do bairro e, portanto, os questionamentos relacionados às ações e transformações geradas serão resultados das imagens e representações que as pessoas e instituições fazem dele. Nessa lógica, pretendeu-se analisar as seguintes questões: como diferentes grupos sociais da cidade de Viçosa representam o bairro Violeira: espaço urbano ou espaço rural? De que forma as diversas imagens, que distintos agentes sociais possuem sobre o bairro Violeira, podem influenciar as transformações desse espaço?

Este trabalho abordou, portanto, as categorias: urbano e rural, em conjunto com os conceitos de representação do espaço, paisagem e identidade territorial. Para tanto, fundamenta-se em reflexões acerca dos seguintes autores: Gisela A. P. Rio, Ítalo Calvino, Werther Holzer, Rogério Hasbaert, Milton Santos, Ricardo Abramoway, Ângela Kageyama, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Elena Saraceno, José Eli da Veiga, Maria José Carneiro, Maria Inês Medeiros Marques e Ellen Woortmann.

A partir das contribuições teóricas e das reflexões acerca do levantamento da representação de diferentes atores, em relação ao espaço do bairro Violeira, ambicionou-se acrescentar ao debate teórico as imagens que diferenciados grupos fazem das novas interfaces do espaço urbano e do rural.

2 PRETENSÕES

Objetivo geral

Esse trabalho tem, como objetivo analisar as imagens e representações que diferentes grupos sociais da cidade de Viçosa têm sobre o espaço urbano e rural do bairro Violeira, em Viçosa, MG.

Objetivos específicos

- Contar a história e caracterizar o bairro.
- Identificar qual é a representação do bairro Violeira feita por moradores de Viçosa, agentes imobiliários e órgãos públicos.
- Comparar as representações feitas por moradores antigos e novos, pessoas residentes e não residentes e órgãos públicos em relação à opinião popular.
- Compreender os dados e informações levantadas, tendo como base o referencial bibliográfico escolhido.

3 METODOLOGIA

A elaboração deste trabalho iniciou-se com levantamento bibliográfico sobre o assunto, com o intuito de discutir as diferenciações do espaço rural e espaço urbano, os novos elementos presentes nesses espaços, quais os atores responsáveis pelas transformações que têm passado e as diferentes formas de representação do espaço.

Em conjunto, posteriormente, com a geógrafa Gislene Higino de Jesus⁴, foram coletados dados em órgãos oficiais buscando contextualização sócio-histórica do bairro. Nessa linha, foram visitados: a sede do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Laboratório de Geoprocessamento (LAG-GEO), no Departamento de Solos da UFV, a Secretaria Municipal de Agricultura de Viçosa, o Arquivo Histórico da UFV, o Museu Histórico da UFV e o Laboratório do Curso de História na Biblioteca Central da UFV. Posteriormente, foram feitas entrevistas com o professor José Luís de Freitas, do Instituto de Planejamento Municipal (IPLAM), com Lúcia Duque (vereadora da Câmara Municipal de Viçosa), com Irene Alves das Graças (Presidente da Associação de Moradores do bairro Violeira). Nesses lugares visitados, foi possível obter dados que serviram de base para a construção do histórico e desenvolvimento do bairro Violeira e da cidade de Viçosa, MG. Junto a isso, conseguiu-se outras fontes de informações como mapas, utilizados no trabalho e indicações de literatura, possibilitando, na contextualização do surgimento da Universidade Federal de Viçosa, para que fosse possível compreender como o aparecimento da universidade pôde influenciar o desenvolvimento do bairro em estudo.

Conjuntamente com esse estudo bibliográfico, foram aplicados questionários aos moradores do bairro, com o intuito de apreender o processo de formação desse, bem como sua caracterização, através da representação⁵ feita pelos moradores. O levantamento foi feito com o propósito de buscar compreender algumas questões como: quais os fatores que levaram os estudantes, professores da UFV e outros moradores, identificados como recentes, a mudarem para o bairro; qual o tempo de residência no mesmo; quais as mudanças que o bairro sofreu através do tempo; qual a imagem e a representatividade desse espaço para os moradores, como espaço rural ou urbano e, por fim, qual o relacionamento dos moradores com o bairro.

Nesse momento, também foi realizado registro fotográfico de diferentes locais do bairro com o objetivo de ilustrar e servir de elemento de análise deste trabalho. A partir do

⁴ Graduada na UFV em janeiro de 2008 e realizou seu trabalho de conclusão de curso com a análise do mesmo bairro estudado.

⁵ O que a mente produz, a forma como ela concretiza o que é apreendido pelos sentidos, imaginação, a memória e o pensamento. A percepção e construção de imagens da paisagem de um determinado espaço.(autor?)

exame dos dados e informações coletadas, alguns questionamentos foram definidos e as devidas referências bibliográficas utilizadas passaram a ser melhor direcionadas para o enfoque escolhido.

Em seguida, foi feita a sistematização dos dados em paralelo à leitura das fontes bibliográficas, e a elaboração de nova entrevista semi-estruturada que possibilitou apreender a representação do bairro feita por moradores antigos, novos, moradores de outras localidades de Viçosa e agentes imobiliários.

A execução da entrevista deu-se seguindo três formatos, mostrados a seguir.

Foi realizado, inicialmente, levantamento junto às imobiliárias mais antigas e influentes da cidade: Líber, Lovi, Predial, Chequer, Habitar, VHD (Vendas Henriques e Drummond) e Pinheiro Imóveis. A imobiliária VHD, que se localizada na avenida P.H. Rolfs, no centro de Viçosa, informou que Viçosa possui número estimado de vinte e sete imobiliárias, e que seria difícil afirmar com precisão esse número, devido ao fato de haver grande abertura e fechamento desse tipo de estabelecimento. Posteriormente, nessa imobiliária, foram pontuados sete dos estabelecimentos que compreendem as imobiliárias mais antigas e influentes da cidade, que corresponde à amostra de 25% da população, são elas: Líber, Lovi, Predial, Chequer, Habitar, VHD e Pinheiro Imóveis. Devido à grande dificuldade para encontrar os donos ou gerentes desses estabelecimentos, foram feitas as entrevistas com os funcionários mais antigos presentes no momento.

Em segundo lugar, foi definido entrevistar 30 pessoas⁶ de diferentes classes sociais, idades e de ambos os sexos (cinco homens jovens, adultos e idosos; e cinco mulheres jovens, adultas e idosas), escolhidas aleatoriamente. As entrevistas foram realizadas ao longo de dois dias: o primeiro deles no final de semana e o outro em dia de atividade comercial, e o local escolhido foi o centro de Viçosa, mais especificamente a Avenida Ph. Rolfs e o Calçadão.

Para análise das entrevistas feitas no bairro Viçosa, foi identificado como moradores antigos as pessoas nascidas em Viçosa e/ou residentes há mais de 20 anos no bairro. Os moradores novos constituem conjunto de pessoas originárias de outras cidades e que foram motivados a morar em Viçosa nos últimos 20 anos, devido ao crescimento da Universidade Federal de Viçosa, abrangendo, portanto, em sua maioria, professores e estudantes dessa universidade, sendo que, cada grupo, consiste de 50% da população entrevistada no bairro. Foram entrevistados 15 moradores antigos e 15 moradores novos do Viçosa, considerando

⁶ Em decorrência do limitado tempo para realização deste trabalho, da reduzida amostra em relação à população referida (moradores do bairro Viçosa e da cidade de Viçosa) e, também, das dificuldades de arquivo para pesquisa do assunto, esta análise dos dados coletados pode não ser suficientemente representativa.

diferentes lugares do bairro, tentando, portanto, apreender entrevistados em toda a sua extensão.

As questões colocadas nas entrevistas permitiram grande variedade de opiniões por serem, em sua maioria, questões discursivas. Houve momentos em que dois entrevistados deram parte da resposta em comum e outros pontos diferentes em relação ao que havia sido perguntado. A análise foi feita com o levantamento de todas as respostas dadas para cada pergunta e contando quantas vezes cada resposta apareceu. Portanto, caso as análises contenham o percentual 40 de entrevistados afirmando que acham o bairro bonito, isso não impede que dentre eles haja 20% (em relação ao total daquele grupo de entrevistados) que também goste da tranquilidade do bairro.

Em todas as entrevistas foram mostradas três fotos (em anexo) de diferentes localidades do bairro com o intuito de que os entrevistados pudessem escolher qual das fotos eles acreditavam ser a fotografia mais representativa do bairro.

Novamente foi feito registro fotográfico durante a visita ao bairro.

Para a conclusão do trabalho, os dados coletados foram tabulados, sistematizados e analisados com o intuito de problematizar as convergências e divergências presentes nessas visões.

O desenvolvimento deste trabalho teve como principais problemas a dificuldade de se obter dados sistematizados a respeito de bairros e da própria cidade de Viçosa, inclusive devido à falta de regulamentação de áreas como o bairro em estudo (Violeira). Apesar de haver vários trabalhos acadêmicos sobre a cidade de Viçosa, esses não se encontram muitas vezes acessíveis à consulta por não existir uma forma de arquivo dos trabalhos quando não se referem a monografias e/ou teses.

4 DEBATENDO O URBANO E O RURAL

A partir da segunda metade do século XX, o intenso desenvolvimento do sistema capitalista no mundo acelerou os processos de industrialização, modernização agrícola e urbanização. Tais transformações convergiram para mudanças nos espaços rurais e urbanos, sendo necessária reflexão sobre esses conceitos, na atualidade.

Elena Saraceno (2007) coloca que, até os anos 60, o desenvolvimento econômico mundial era compreendido enquanto processo unilinear, sendo as diversidades territoriais entendidas como diferentes graus de desenvolvimento. Diante desse quadro, os espaços rurais e urbanos eram vistos como divergentes, onde se considerava que o processo evolutivo de uma área seguia a lógica do não desenvolvimento para o desenvolvimento, ou seja, do rural para o urbano.

Conforme exposto por Saraceno (2007), a partir dos anos 70, a unilinearidade do desenvolvimento passa a ser discutida em relação ao fato de não haver apenas um modelo de percurso, pois cada lugar possui suas diferenciações. As particularidades existentes (atividade econômica predominante, as relações afetivas, relações de trabalho, valores morais, entre outros) possuem grande importância e devem ser reproduzidas e não eliminadas. Desse modo, deveriam ser analisadas como aspectos positivos, valorizando-os. Tais diferenciações são elementos estratégicos podendo determinar a competitividade entre diferentes áreas.

Segundo Maria José Carneiro (2007), a modernização da agricultura seguiu o padrão de produção urbano-industrial, tendo também refletido no modo de vida do campo. A "racionalidade urbana" sobre o espaço rural foi intensificada com o processo de globalização (após a década de 80), levando a se pensar sobre a possível dissolução do agrário. A autora afirma que estudiosos como Lefèbvre, que escreveram num contexto das décadas de 60 e 70, quando o desenvolvimento do capitalismo estava em grande vigor, não imaginavam o surgimento, na década de 80, de novas alternativas de reprodução social no campo e cidade, o que levou à relativização da analogia entre a modernização da agricultura e as tradições culturais do campo. A reprodução social no campo possui dois pontos a serem ressaltados: a facilidade do agricultor familiar se adaptar à modernização, e a forma com que esse contribui criando alternativas à crise do modelo produtivista (por exemplo, a pluriatividade).

A partir desses fatos, Carneiro (1998) desenvolve a teoria da urbanização (do *continuum*⁷), onde os valores e hábitos urbanos estariam sendo difundidos no campo assim

⁷ Ler Marta Inez Marques (2002), em O conceito de espaço em questão, onde destaca que esses conceitos são propostos por H. Mendras e R.E. Pahl, teóricos francês e inglês, respectivamente.

como a inserção de novas técnicas e produtos. Com base nessas considerações, Carneiro (2007) cita Mendras (1959) ao argumentar que a diferença estaria relacionada à intensidade e não mais ao contraste. Para desmistificar essa teoria, alguns autores salientam a importância de analisar o rural de forma mais específica, inclusive buscando compreender como esse se integra à economia global.(citar algum autor)

Saraceno (94, 95a, 95b) defendeu a hipótese de que o binômio urbano-rural teve sua relevância como categoria de análise até enquanto os processos de urbanização e industrialização funcionaram de modo "clássico", estando os recursos concentrados nos centros urbanos, juntamente com a saída de recursos das zonas rurais que haviam sido acumulados na época pré-industrial. A partir da segunda metade dos anos 60, a divisão de funções entre os espaços urbano e rural, colocada anteriormente, sofre alterações de forma e intensidade, e passa a não ser mais utilizada para explicar enquanto critério de diferenciação espacial. Para Saraceno (94, 95a, 95b), não está consolidado o modelo (ou os modelos) do qual haverá um novo critério para descrever a lógica das diferenciações espaciais atuais.

A autora ainda acrescenta que, ao longo dos anos 80, algumas regiões, não somente na Europa, passaram a apresentar diminuição do fluxo migratório tradicional (da zona rural para urbana). Esse movimento foi motivado pelo desenvolvimento de atividades econômicas em centros menores e zonas rurais, e não unicamente na cidade. Essa tendência mostra a necessidade de se repensar as categorias conceituais e os indicadores do desenvolvimento rural.

Assim, para Saraceno (94, 95a, 95b), a principal categoria rural-urbano, utilizada pelas ciências sociais, foi empregada para identificar os deslocamentos de recursos relacionados ao processo de modernização. Entretanto, a utilização de tais categorias é dificultada pela falta de definição clara dos indicadores usados, dos limites, geralmente permanecendo a diferença entre urbano e rural sustentada pela natureza social, abrangendo a distribuição populacional e das cidades no território. A partir disso, a autora coloca uma problemática -. por já existirem mensurações sobre o fenômeno urbano, acarretou ao espaço rural ser nominado como categoria residual, sendo compreendido enquanto a ausência de certa concentração populacional.

Pahl (1966), citado por Saraceno (94, 95a, 95b), coloca a idéia de um *continuum* urbano-rural, onde o rural passa por um “esvaziamento”, enquanto o urbano se “enche”. Entre essas categorias extremas, são colocadas outras intermediárias como periurbano, ou semi-rural, que não possuem identidade enquanto espaço, servindo apenas para nomear o que não

se tem lugar definido. O espaço tem sido definido de forma tendenciosa, pressupondo principalmente dinâmicas demográficas que nem sempre são mensuradas.

Saraceno (94, 95a, 95b) discute as transformações pelas quais o campo tem passado e a interferência que essas têm produzido nas noções de "urbano" e "rural". Há hoje delimitação dessas categorias, muito mais simbólica do que sustentada por atividades econômicas ou hábitos culturais, sendo importante ressaltar que tais mudanças não correspondem à extensão do urbano sobre o espaço rural (um *continuum* do urbano), como processo de homogeneização. As mudanças (hábitos, costumes e mesmo de percepção de mundo) podem se dar de diversas maneiras, não resultando necessariamente na descaracterização da cultura local.

Em relação ao debate urbano-rural, José Eli da Veiga (2002) acredita que haja mais complementaridade do que oposição a respeito das características desses espaços, ao falar das condições de trabalho e dos modos de vida, mostrando-se conflitante apenas a respeito da imposição do desenvolvimento.

Um segundo ponto a ser problematizado por Saraceno (94, 95a, 95b) é a referência do rural ligado às atividades agrícolas. Tal colocação caracteriza o espaço urbano e rural com os setores da economia (rural-agricultura, urbano-serviços e indústria). Essa forma de diferenciação somente era compatível no período pré-industrial, onde predominavam as atividades agrícolas. Entretanto, essas atividades sofreram grande redução com o processo de modernização, que também causou a diversificação das atividades econômicas no campo, dificultando o uso da divisão do trabalho como indicador. Ademais, Veiga (2002) acrescenta uma alteração de base econômica no campo que, de exportador, passa a ser importador de produtos primários e manufaturados, ao mesmo tempo que a importação de pessoas (passa a ser um local de atração para fins residenciais) e dinheiro público (investimentos em áreas rurais).

Por fim, o autor ainda coloca que o conceito de ruralidade acaba perdendo seu caráter de categoria homogênea, devido ao surgimento de outras atividades paralelas/integradas às agrícolas e algumas infra-estruturas urbanas terem sido incorporadas ou adaptadas ao ambiente rural. Dessa maneira, há necessidade de procurar novo critério de diferenciação espacial e não apenas a densidade demográfica para definir o caráter rural ou urbano de uma localidade, para que seja considerada a diversidade das formas de povoamento territorial.

As alterações na relação campo-cidade promovem, segundo Carneiro (2007), a valorização da natureza pelo questionamento da sociedade industrial. Dessa forma, ela é transformada em um bem de consumo através do turismo, passando a agricultura a ser forma

de manutenção da família agrícola e dos visitantes, de maneira a garantir o consumo do clima “rural”.

Segundo Veiga (2002), no Primeiro Mundo⁸ também se pode observar o consumo do espaço rural, pois esse está sendo valorizado por possuir componentes que se opõem às cidades, ou seja, a presença de elementos da natureza como matas, pássaros, rios, entre outros. O público que tem sido atraído é composto por aposentados, turistas e alguns tipos de empresários, que são motivados pela beleza, tranqüilidade e segurança. Apesar de ser cada vez menor o número de agricultores na população rural, são esses os principais responsáveis pela qualidade do ambiente natural, pois são os responsáveis pela preservação desse.

Saraceno (2007) expõe que a OCDE⁹ (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico), em conjunto com a União Européia, tem feito, desde o final da década de 80, trabalho sobre indicadores, pesquisando e mensurando o desenvolvimento rural. Nesse, tem-se percebido a necessidade de analisar melhor as relações internas e as externas que as zonas rurais conseguem estabelecer com outras zonas urbanas e rurais.

Veiga (2002) acrescenta que o desenvolvimento de uma comunidade rural tem sido analisado em relação ao vínculo que essa possui com os centros urbanos próximos. Tal fato levou a OCDE a colocar novas categorias de classificação das pequenas localidades, a partir de 1994, são elas: “as essencialmente rurais”, as “relativamente rurais” e as “essencialmente urbanas”. Cada uma das classificações compreende espaços rurais e concentrações urbanas com variações proporcionais.

Na região “essencialmente rural”, mais de 50% da população vive em localidades rurais, com densidade demográfica inferior a 150 habitantes por quilômetro quadrado. Na região “essencialmente urbana”, há 15% da população vivendo em localidades rurais. A região “relativamente rural” compreende de 15 a 50% dos habitantes vivendo em comunidades rurais.

Carneiro (2007) coloca que nosso olhar sobre o campesinato, generalizando a descampesinização do campo, é resultado da nossa referência ser a cultura urbano-industrial. Por isso não se compreende a amplitude dessa categoria social e torna-se comum a idéia da cultura camponesa ser contrária à mudança, de ser "tradicional". A manutenção das tradições

⁸ Segundo Vesentini (2007), essa expressão surgiu em 1952, utilizada pela primeira vez pelo demógrafo e economista Alfred Sauvy, juntamente com as expressões Segundo Mundo e Terceiro Mundo, que se referem a países capitalistas desenvolvidos (Primeiro Mundo), países de economia planificada (Segundo Mundo) e países capitalistas subdesenvolvidos (Terceiro Mundo).

⁹ Para administrar e distribuir os recursos dados pelos Estados Unidos da América para que os países europeus se recuperassem dos prejuízos gerados pelas duas grandes guerras mundiais, foi criada a Organização Européia de Cooperação Econômica (OECE), em 1948, substituída em 1961 pela Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

culturais camponesas não exclui a modernização da sociedade, inclusive no Brasil há pesquisas recentes que mostram esses dois fenômenos ocorrendo paralelamente.

Inspirado em Giovanni Lévi, a autora concorda que a "racionalidade camponesa" não vem a ser uma cultura específica e universal (um modelo cristalizado, uniforme e a-histórico), mas sim uma visão de mundo determinada por relações sociais específicas, por isso é importante compreender a transferência de informação tecnológica para esse ambiente camponês, assim como o fenômeno da *pluriatividade*.

É possível fazer paralelo do que foi exposto anteriormente com Milton Santos (2004), quando coloca que as paisagens são objetos naturais e artificiais-sociais (compreende o trabalho humano), combinados e acumulados durante várias gerações. Portanto, a paisagem não é fixa, assim como o espaço, pois está sempre se readaptando às necessidades da sociedade e, portanto, representa os diversos momentos de desenvolvimento pelos quais passou. Da mesma maneira deveria ser analisada a cultura camponesa que, geralmente, é apresentada em festas de forma folclorizada e estigmatizada. Para tal análise, ao buscar compreender a totalidade da cultura estudada, Santos (2004) coloca que se deve levar em consideração o conjunto de estruturas que a formam e que a reproduzem.

Uma limitação da Geografia é em alguns momentos considerar os lugares com vida própria como se estivessem desconectados do dinamismo social total. O espaço precisa ser estudado buscando compreender os processos que geraram as formas, e não somente olhando os objetos materiais da paisagem.

4.1 O Brasil: peculiaridades do desenvolvimento dessa sociedade

Segundo Maria Isaura Pereira de Queiroz (1978), no Brasil, a Sociologia Rural inicialmente analisava o “exotismo” da vida do homem do campo (caipiras, caboclos, tabaréus), pois, desde o princípio, a vida rural é colocada em oposição à vida moderna do litoral, e era configurada enquanto conservadora, rústica e contrária às inovações.

Queiroz (1978) afirma que a urbanização brasileira tem como particularidade a industrialização não ter sido o fato determinante desse processo e, conseqüentemente, da distinção do urbano e do rural. As divergências entre esses espaços nem sempre foram as mesmas, assim como houve períodos em que as cidades não existiam. Por conseguinte, Queiroz cita Robert Redfield (1961), que apresenta três configurações maiores de estruturas e organizações sociais, a primeira seria a “sociedade tribal” que possui fraca divisão social do

trabalho e não existe a concentração urbana, existem pequenos grupos que são independentes, subsistentes.

Na segunda, a “sociedade agrária”, a cidade representa um centro político-administrativo havendo grande dependência de abastecimento em relação ao campo, mas mesmo assim exerce a relação de domínio e organização, apesar de o campo exercer domínio demográfico e econômico. Nessa sociedade, o campo representa o setor produtor.

Por fim, há a “sociedade urbana” em que, a partir do crescente desenvolvimento tecnológico, o espaço urbano passa a ser produtor também, impondo ao campo seu gênero de vida e sua divisão do trabalho. Dessa forma a cidade passa a crescer e seu abastecimento agora depende do desenvolvimento tecnológico, assim, a cidade domina o campo na demografia e economia.

Segundo Santos (2004), nos grupos sociais primitivos, as formas eram resultado da estrutura social, pois as mudanças eram lentas e endógenas. Com a complexidade da divisão do trabalho, a produção do espaço passa a ser determinada por fatores de diferentes escalas (do local à dimensão internacional).

Nas sociedades apresentadas por Robert Redfield, Queiroz (1978) comenta que as relações afetivas e relações indiretas ou indiferentes são definidas em decorrência da divisão do trabalho e da densidade demográfica. Na sociedade tribal somente há as relações afetivas. Na sociedade agrária, as relações afetivas predominam, e nas sociedades urbanas as relações indiretas ou indiferentes sobressaem.

Queiroz (1978) acrescenta que a organização interna das sociedades envolve diversos fatores determinantes como o econômico (sociedades urbanas), o interesse de grandes grupos familiares e/ou religiosos (sociedades agrárias). Em uma sociedade como a brasileira, os três tipos podem apresentar-se concomitantes no tempo e no espaço. Segundo a autora, na Europa houve, a princípio, uma sociedade tribal, sendo que no século XVII há predomínio da sociedade agrária e no século XIX a sociedade urbana sobressai como resultado da Revolução Industrial, sendo possível ainda encontrar resquícios da primeira.

Separar as diferentes sociedades é apenas um recurso didático para estudo, pois não é possível encontrá-las de forma pura. Queiroz (1978) acredita na coexistência dos diferentes tipos interligados de forma dinâmica, dessa forma, a autora coloca que “cada sociedade global terá, assim, fisionomia específica em cada um de seus momentos históricos” (p.50). O mesmo pode ser observado, em âmbito local, quando se coloca a questão da definição do espaço rural e urbano. Para Queiroz (1978), “...o meio rural não pode nunca ser estudado em si mesmo,

mas deve ser encarado como parte de um conjunto social mais amplo, do qual faz parte juntamente com a cidade”(p.51).

De acordo com o exposto, a autora pauta que, ao estudar os processos e equilíbrios de regiões e de sociedades globais, a perspectiva será elencar o grupo (agrários ou urbanos) predominante, todavia não exclusivo. Segundo Queiroz (1978), os trabalhos sobre a “sociedade global brasileira” têm seguido a linha da Sociologia Rural americana, que é analítica, não chegando à síntese, estuda uma parte da realidade sem relacioná-la com o todo e geralmente não existe uma perspectiva histórica. A metodologia americana é contrária à europeia que busca correlacionar a parte ao todo e compreender o histórico dos fatos, como eles têm se desenvolvido.

Ademais, os estudos da sociedade brasileira, de acordo com Queiroz (1978), ainda possuem outras falhas devido à falta de pesquisas sobre o meio rural do Brasil moderno, atendo-se, a maioria dessas, ao princípio da sociedade brasileira tradicional, além disso, os estudos atuais se voltam às metrópoles modernas, não havendo ainda pesquisas sobre as cidades médias e pequenas.

...não é apenas o fato de a população habitar em concentrações urbanas que dá ao país o caráter de urbanizado. Este depende da amplitude das funções desempenhadas pelas cidades e, mais ainda, de seu grau de industrialização. Este aspecto tem que ser completo por outro concomitante: é o estudo da importância e do peso das cidades modernas brasileiras na sociedade global, quando comparadas com as tradicionais (QUEIROZ, 1978, p.53).

Queiroz (1978) coloca que há linhas de pesquisas voltadas para a compreensão dos aspectos modernos da agricultura brasileira e outros têm estudado a evolução das cidades e sua ligação com a periferia de sítios tradicionais. Em relação à segunda linha de estudo, a autora cita um exemplo da evolução dos sítios do Sertão de Itaipicirica da Serra, durante e após o período da crise de 1929, em relação ao crescimento e desenvolvimento da cidade. A área rural tradicional se torna decadente diante da presença de novas áreas de agricultura moderna próximas. A concorrência com essa nova atividade leva os sítios a venderem suas terras ou exercerem outras funções como prestação de serviços a cidadãos, que compram ou alugam moradias nessas periferias para serem “sítios de fim de semana”, aos poucos essa área se transformou em subúrbio da capital.

O fato exposto possui semelhanças ao histórico de evolução do bairro Virolândia que, em decorrência do aumento dos novos moradores, os habitantes antigos passaram a dividir suas terras em lotes menores e vendê-los ou construir casas para aluguel. Com a presença desses

novos habitantes, uma parte da família dos agricultores passou a prestar serviços para esses, como serviços domésticos, jardinagem, pedreiro, entre outros.

O exemplo apresentado por Queiroz (1978), entretanto, não justifica que em todo Brasil o processo ocorra dessa forma, que sempre siga a lógica do desenvolvimento urbano, tornando decadente os “caboclos *circum-urbanos*” (que vivem mais próximos aos centros urbanos).

É importante salientar o fato, colocado por Carneiro (2007), de que a significativa redução de residentes agrícolas, ocupados com atividades agrícolas, é um movimento paralelo ao aumento da presença de atividades não agrícolas no meio rural. Tais atividades possibilitam nova capacidade produtiva e de renda a essa população, sendo, ademais, alternativa ao êxodo rural, ao modelo hegemônico de desenvolvimento agrícola e à falta de empregos na cidade.

Carneiro (2007), contudo, coloca que o aumento pela procura do meio rural para o lazer, ou uma vida alternativa, é fenômeno que teve início no Brasil na década de 70, devido à expansão do pensamento ecológico. Esse fato gerou novas formas de renda no campo, até então exclusivamente agrícola, além de promover o contato e integração entre dois sistemas culturais diferentes. As idéias de rural e urbano estão sujeitas às reformulações e apropriações diversificadas, por serem representações sociais, podendo compreender diferentes visões e valores. Os “neo-rurais” brasileiros reafirmam a racionalidade urbana (tecnologias e produção) sobre os valores do antigo mundo rural. Carneiro (2007), citando Giuliani (1990), diz que esses atores exigem organização e produtividade urbana dos trabalhadores rurais.

Segundo Carneiro (2007), a questão da ruralidade no Brasil hoje pode ser vista por dois movimentos, um de reapropriação dos elementos da cultura local, e outro de apropriação urbana dos bens culturais e naturais do rural. Esses movimentos podem contribuir para a sociabilidade rural e o reforço dos vínculos locais.

Na região serrana do Rio de Janeiro, em estudo realizado por Carneiro (2007), a expansão do turismo tem feito surgir novas possibilidades de trabalho para a mão-de-obra familiar, de forma a aumentar a sua renda, o que vem se traduzindo na melhoria das condições de vida. Através da garantia de uma renda fixa estável, a saída de pessoas da região tem diminuído, e com essa permanência é interessante observar que a residência vai lentamente mudando e assumindo características “urbanas”.

Outro fato relevante, que Carneiro (2007) apresenta, é que a procura por terras para a construção de “casas de campo” tem modificado a relação das famílias com seu patrimônio, quando a produção agropecuária e o valor simbólico da família perdem sua importância. O

resultado disso é a terra assumindo valor exclusivo de mercadoria, não havendo barreiras para a sua venda.

De acordo com Queiroz (1978), “A industrialização e urbanização no mundo Ocidental implicaram na transformação do gênero de vida urbano [...]. A este processo Henri Lefèbvre chama de ‘urbanização verdadeira’, pois arrebenta com as formas urbanas antigas e as substitui com outras recentes” (p.56).

Segundo Carneiro (2007), o gênero de vida urbano europeu chegou ao Brasil no século XIX, antes deste país passar pelo processo de industrialização. Seguindo a linha de Lefèbvre, a autora coloca que o exemplo brasileiro não seria uma verdadeira urbanização, por não estar ligada ao processo de industrialização, que ocorre por volta de 1940, “mas sim da difusão cultural de um gênero de vida, o gênero de vida burguês ocidental que é eminentemente cidadão” (p.57).

De acordo com Queiroz (1978), esse novo gênero de vida apresenta a população urbana com divergências econômicas e culturais. Ao final do século XIX e início do século XX, é possível observar apenas nas grandes capitais a presença da vida burguesa, enquanto nas outras cidades se mantinha pequena a distinção entre viver na cidade ou no meio rural. “Assim, a diversificação das cidades entre cidades de intensa vida burguesa citadina e cidades mais homogêneas com o campo parece estar ligada, no Brasil, não à industrialização, e sim à riqueza do meio rural” (QUEIROZ, 1978, p.58).

Ainda, de acordo com a autora, o desenvolvimento do café contribuiu para o enriquecimento de fazendeiros da região de São Paulo e Rio de Janeiro que, no período da industrialização européia, quando surgiram novas formas de viver, esses proprietários de terras passaram a querer usufruir de certos luxos como forma de se exaltar e negar o atraso. Assim, essas cidades se transformam em grandes centros de consumo diversificado.

De forma heterogênea, portanto, é possível dizer que as cidades brasileiras, depois de 1850, passam progressivamente a assumir outras funções, além de serem centro político-administrativo, tornando-se o lugar do comércio, serviços com crescente distanciamento social entre essas e o meio rural. Em consequência do aburguesamento das cidades, abordado por Queiroz (1978), os habitantes do campo passam a constituir um nível social inferior. Esse aburguesamento ocorre devido à vinda de fazendeiros para morar nas cidades e a “luxar” nelas, evidenciando sua situação econômica. Para a autora:

...está subentendido que um gênero de vida (que é antes de mais nada um produto cultural) pode difundir-se fora da sociedade global em que se originou, desprendido dos fatores que o fizeram nascer – no caso, o processo de industrialização. [...] Assim o gênero de vida pode

emigrar de uma sociedade global para outra, sem que nesta as relações básicas de produção tenham modificado (QUEIROZ, 1978, p.60-61).

E dessa forma:

...no Brasil, emerge uma “civilização citadina” diretamente influenciada pelas maneiras de ser européias e distanciadas da “civilização rústica”. Como resultado, também, as cidades de vida burguesa assumem uma posição de nítida superioridade em relação às outras cidades e ao campo (QUEIROZ, 1978, p.60-61).

O processo de industrialização no Brasil, que é posterior ao aburguesamento das cidades, faz com que, nessas, surja ruptura entre o meio rural e o meio urbano; ao mesmo tempo em que há no campo a introdução de transformações técnicas e estruturais. No Brasil, portanto, passa a existir a imagem de duas sociedades paralelas, coexistindo quase isoladamente uma da outra, ainda que em cada região brasileira as alterações ocorressem em momentos diferentes.

De acordo com Queiroz (1978), “...nada se pode estudar e compreender a fundo, no meio rural, sem que se conheça sua posição na sociedade global brasileira, que é hoje uma ‘sociedade urbana’” (p.63). Logo, se faz necessário compreender o histórico da formação da estrutura agrária brasileira, e identificá-la perante a sociedade global e a posição dessa no mundo Ocidental. A autora acrescenta que as relações campo-cidade no Brasil atual são mais complexas e ricas do que no passado. Pode-se observar que processos recentes de ocupação do solo (por meio de especulação imobiliária, por exemplo) convivem com antigos processos (desbravamento, colonização), executados tanto por fazendeiros quanto sitiantes.

Conforme afirma Queiroz (1978), no Brasil as complexidades das relações entre campo e cidade mostram que os processos novos não tomam o lugar dos antigos, mas que a tendência brasileira é somar esses processos, ou que os processos novos sejam interpretados dentro da ótica dos antigos, de modo que o antigo nunca é aniquilado.

Saraceno (2007) conclui que o conceito de ruralidade não se encontra consolidado e, por essa indefinição, as políticas de desenvolvimento rural não deveriam ser intersetoriais, mas sim territoriais, ou seja, não deveria haver atuações divididas em zona rural ou urbana, mas sim em regiões pensadas em conjunto, com o resto do território. Quando as políticas rurais estão integradas às regionais, o que ocorre geralmente é a formulação de políticas de desenvolvimento integrado, e não de políticas predominantemente de sustentação social.

Veiga (2002) coloca que países como o Brasil costumam identificar o meio rural como o local onde se encontram as atividades agropecuárias, entretanto, apesar de a maior parte da população ativa rural trabalhar e muitas vezes também residir em estabelecimentos agrícolas,

os critérios utilizados pelo IBGE, para definir os espaços urbanos, se mostram equivocados ao considerar o mundo rural reduzido à dimensão agropastoril.

O autor exemplifica que, na França, um dos motivos mais fortes de se escolher morar na zona urbana é habitar próximo ao emprego. Devido à presença crescente de aposentados, habitantes temporários e turistas, o espaço rural não é mais procurado exclusivamente por suas riquezas naturais que contribuem para as atividades primárias. Este tipo de atrativo é substituído por atributos como mão-de-obra barata, regulamentação facilitada e debilidade sindical.

Veiga (2002) expõe que há pesquisadores que se baseiam na renda dos agricultores familiares, com menos de 100 hectares, para identificar o grau de sobrevivência desses e, através disso, tem constatado que eles vivem em condições precárias, acreditando, portanto, que haja excesso de agricultores no Brasil. O Censo de 2000 concluiu que o processo de urbanização se deve à transferência do campo para o desemprego e violência na zona urbana.

O autor, entretanto, acrescenta a necessidade de se analisar que a renda familiar não se limita à produção agrícola, mas também a trabalhos externos, não coincidindo a renda agrícola com a renda total. Assim, pode-se incluir nessa renda a aposentadoria (Constituição de 1988), salário-maternidade, bolsa-escola, programas de combate à pobreza rural ou microcrédito subconvencionado. Com isso, a localização da residência próxima à sede do município é um forte indicativo de renda multissetorial. Esse fator é considerado pelo IBGE como motivador do processo de hiperurbanização através do êxodo rural.

O acelerado aumento do “grau de urbanização”, colocado pelo IBGE, de acordo com Veiga (2002), representa aumento do número de domicílios denominado perímetro urbano, todavia, há vários perímetros urbanos que, na realidade, não deveriam ser nomeados cidades, mas, sim, no máximo, vila, povoado, vilarejo ou aldeia. Por isso, o autor questiona se não há excesso de agricultores, mas sim excesso de superficialidade dos autores que o consideram.

5 VIÇOSA: DE PEQUENA CIDADE A CIDADE UNIVERSITÁRIA

5.1 O surgimento da UFV

Segundo dados do *site* oficial da Universidade Federal de Viçosa, essa se originou de outra instituição, a princípio com a denominação Escola Superior de Agricultura e Veterinária – ESAV, que foi criada pelo ex-presidente do Estado de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes, em 30 de março de 1922.

A ESAV foi inaugurada em 28 de agosto de 1926, sendo que em 1927 foram instalados os Cursos Fundamental e Médio e, no ano seguinte, o Curso Superior de Agricultura. Em 1932, houve a inclusão do Curso Superior de Veterinária.

Em 14 de julho de 1929, ocorreu a primeira solenidade de entrega de certificados aos alunos que concluíram os cursos Fundamental e Médio da Escola. A primeira colação de grau de engenheiros-agrônomos foi celebrada em 15 de dezembro de 1931 e a colação de grau da primeira turma de médico-veterinários em 15 de dezembro de 1936.

A Lei nº 272, assinada em 13 de novembro de 1948 pelo governador Milton Campos, determina a criação da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, incorporando a Escola Superior de Agricultura, a Escola Superior de Veterinária (com funcionamento em Belo Horizonte), a Escola Superior de Ciências Domésticas, a Escola de Especialização, o Serviço de Experimentação e Pesquisa e o Serviço de Extensão. Cria-se o Colégio Universitário – Coluni, em 1965, que inicia suas atividades em 1966. Hoje, denomina-se Colégio de Aplicação da UFV.

Com o passar dos anos, a Universidade cresceu, levando o Governo Federal a federalizá-la em 15 de julho de 1969, com o nome Universidade Federal de Viçosa. Tal fato faz com que essa instituição atraia estudantes de diferentes Estados do País, além de outros países, fazendo de Viçosa uma cidade universitária.

Em 1º de julho de 1978, com o novo estatuto aprovado pela Portaria Ministerial nº 465, define-se a estrutura organizacional e administrativa da UFV, com a criação de quatro centros: Ciências Agrárias, com os Departamentos de Economia Rural, Engenharia Agrícola, Engenharia Florestal, Fitopatologia, Fitotecnia, Solos e Zootecnia; Ciências Biológicas e da Saúde, com os Departamentos de Biologia Animal, Biologia Geral, Biologia Vegetal, Educação Física, Nutrição e Saúde, Veterinária; Ciências Exatas e Tecnológicas, com os Departamentos de Engenharia Civil, Física, Matemática, Química, Tecnologia de Alimentos e Ciências Humanas, Letras e Artes, com os Departamentos de Administração e Economia, Economia Doméstica, Educação, Letras e Artes.

Além dos cursos de graduação e pós-graduação, atualmente, a UFV possui o Colégio Universitário (Ensino Médio Geral), a Central de Ensino e Desenvolvimento Agrário de Florestal (Ensino Médio Técnico e Médio Geral), a Escola Estadual Effie Rolfs (Ensino Fundamental e Médio Geral), o Laboratório de Desenvolvimento Humano (4 a 6 anos) e, ainda, a Creche, que atende crianças de 3 meses a 6 anos.

Em 2006, a UFV amplia suas instalações e deixa de possuir um único *campus*, havendo a incorporação do *campus* da CEDAF, cria-se o *campus* de Florestal e o *campus* de Rio Paranaíba, MG¹⁰.

Tem-se discutido e planejado o crescimento da universidade em relação ao impacto no ambiente e na cidade. Nessa linha, vêm sendo pensadas possibilidades de desconcentração, a partir da criação de novos cursos em outros lugares, afastados do centro.

Por tradição, a área de Ciências Agrárias é a mais desenvolvida na UFV, sendo conhecida e respeitada no Brasil e no Exterior. Apesar dessa ênfase na agropecuária, a Instituição vem assumindo caráter eclético, expandindo-se noutras áreas do conhecimento, tais como Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Exatas e Tecnológicas e Ciências Humanas, Letras e Artes (www.ufv.br acessado em maio de 2008).

A cidade de Viçosa é desenhada por grande diversidade de culturas e valores provenientes de diferentes localidades. Esse fato justifica-se principalmente em decorrência da UFV contar com o trabalho de professores e pesquisadores estrangeiros que colaboram com o seu corpo docente, ainda, os membros do corpo docente realizam programas de treinamento e especialização no exterior e em outras áreas do País.

5.2-A UFV e o crescimento de Viçosa.

A presença da UFV em Viçosa é fato que determinou o crescimento e desenvolvimento dessa cidade que está localizada na região da Zona da Mata, pertencente ao Estado de Minas Gerais – Brasil. Possui, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007), população estimada em de 112 907 habitantes, compreendendo área de 300 264km². O acesso à cidade é feito tanto pela rodovia BR 120 (Viçosa/Ponte Nova) quanto pela rodovia MG 280 (Viçosa/Ubá).

¹⁰ Inicialmente foram abertos os cursos de Administração e Agronomia.

A figura 1 visualiza a localização do município de Viçosa no Brasil e no Estado de Minas Gerais. É possível também verificar a malha urbana que se encontra melhor apresentada no figura 2.

Figura 2-Localização do Município de Viçosa no Estado de Minas Gerais e no Brasil – 2007

Fonte: LAB-GEO, DPS. Universidade Federal de Viçosa. 2007

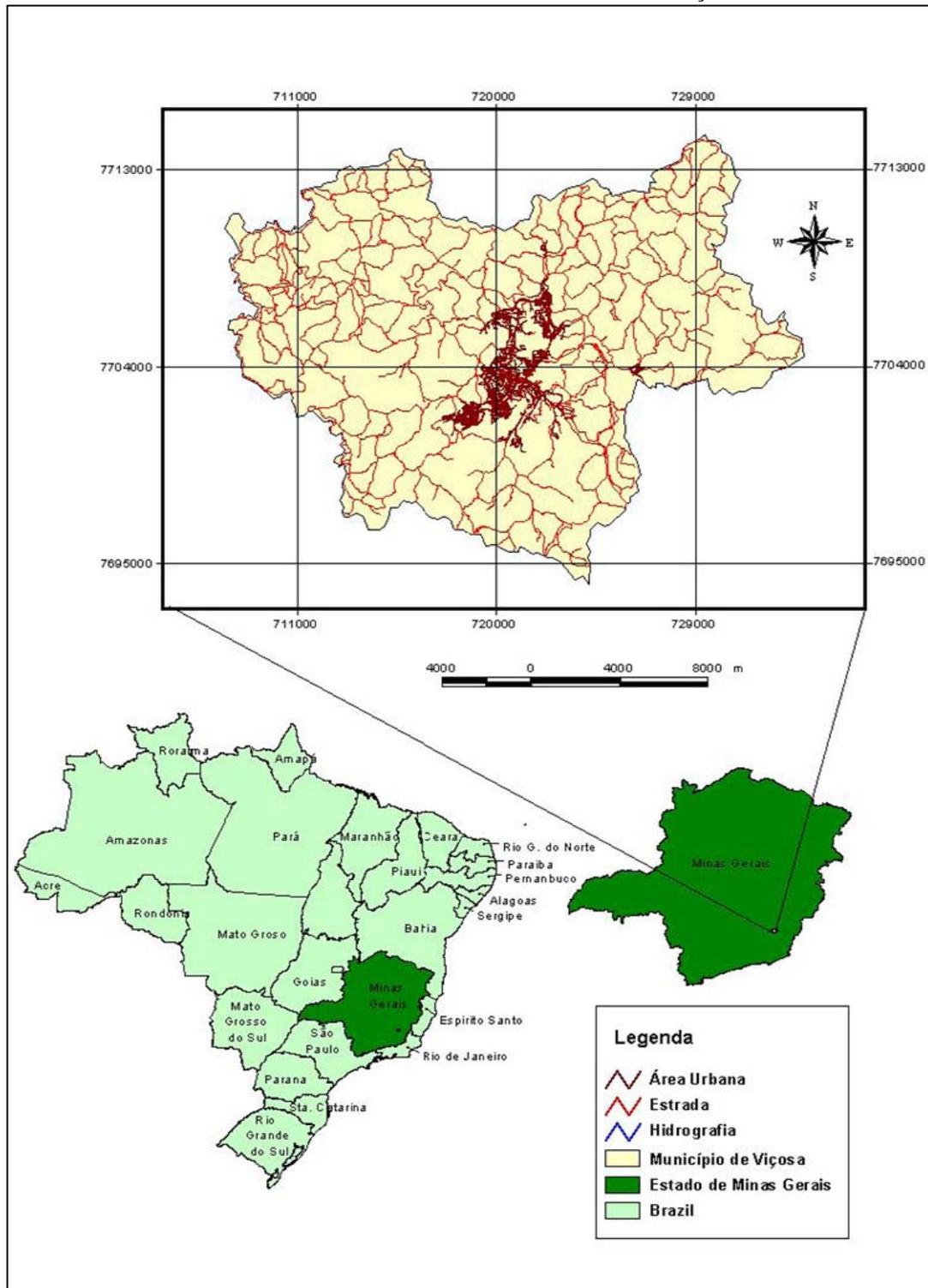
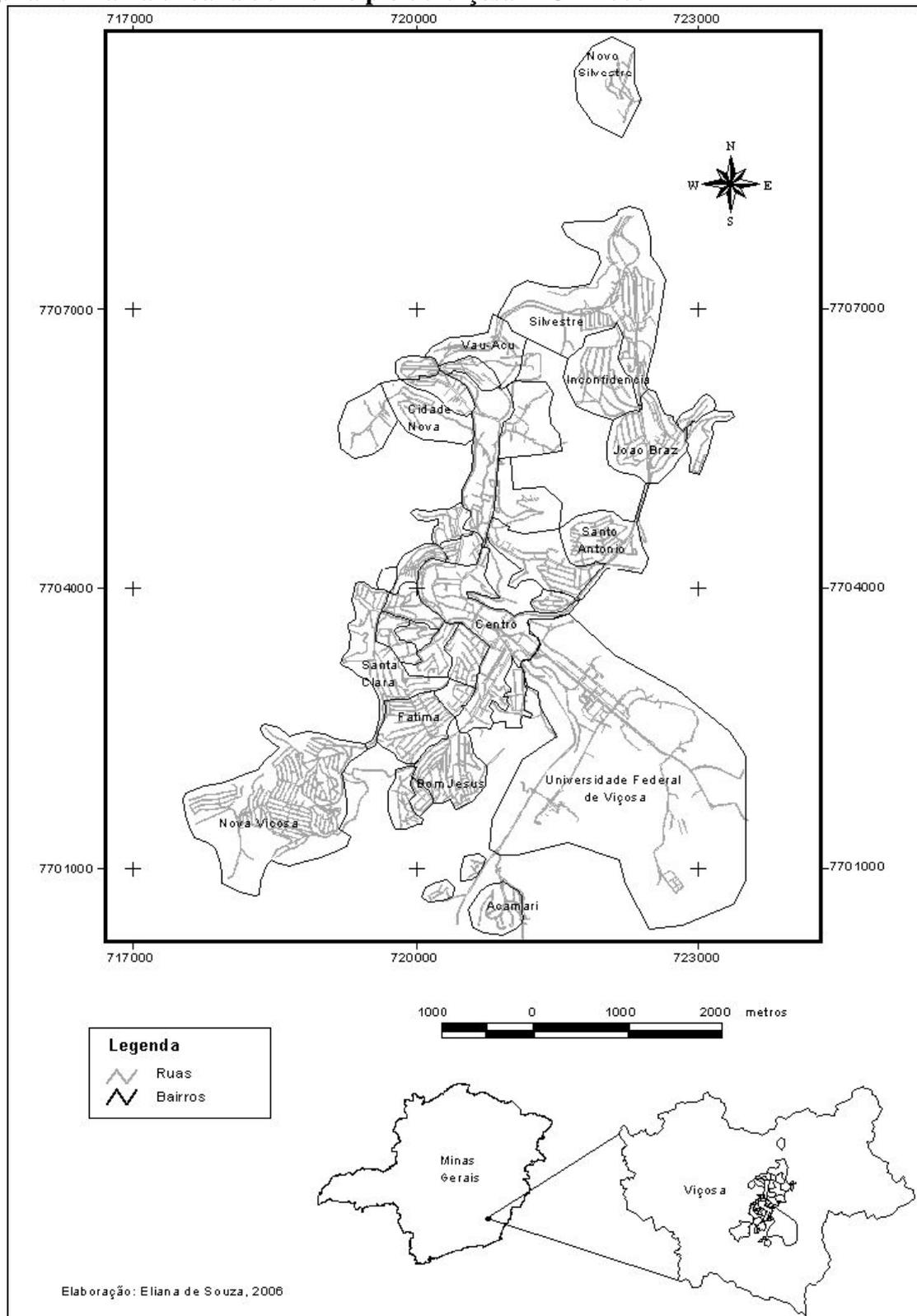


Figura 2. Malha urbana do Município de Viçosa MG – 2006



Fonte: LAB-GEO, DPS. Universidade Federal de Viçosa. 2006

Segundo o professor da UFV e técnico da prefeitura, José Luís de Freitas (Arquiteto Urbanista de Planejamento Urbano, técnico da prefeitura e responsável pela revisão do Plano

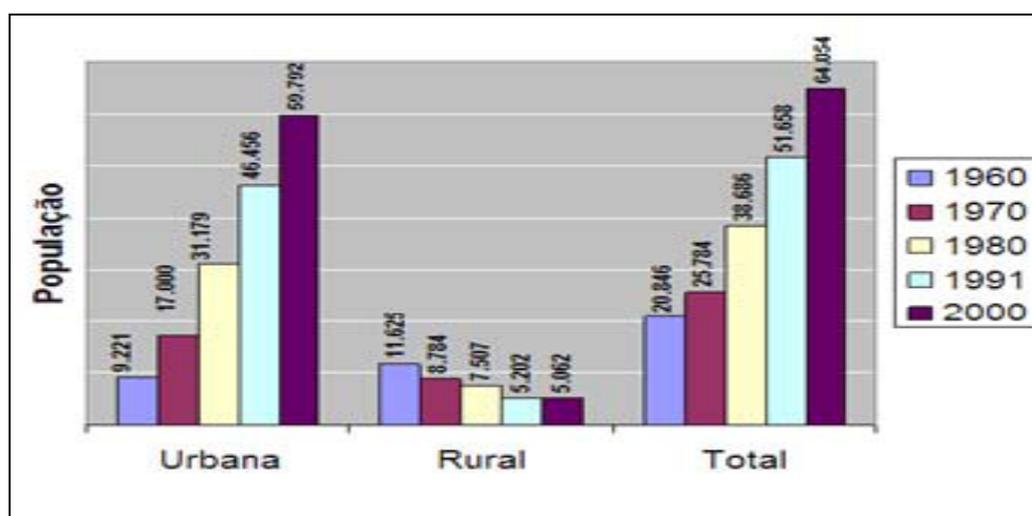
Diretor do IPLAM de Viçosa, MG), em entrevista à geógrafa Gislene Higino de Jesus (setembro de 2007), o crescimento de Viçosa e de outras cidades do Brasil, de forma geral, se deu através da transferência da população da área rural para a área urbana. Esse processo foi iniciado a partir da década de 50, sem que houvesse política habitacional condizente. Porém, nas últimas décadas tem ocorrido um processo inverso ao crescimento concentrado no centro urbano.

O intenso crescimento sem planejamento contribuiu, em sua concepção, para que a cidade se tornasse caótica. Por esse motivo, algumas pessoas passaram a procurar áreas mais afastadas do centro que apresentassem conforto ambiental maior. Atualmente, devido ao crescimento das escolas de ensino técnico e superior, a cidade cresce acima da média do Estado.

Dado o crescimento exacerbado da cidade pelo aumento de estudantes da UFV, há expansão para bairros afastados, inclusive, em menor quantidade, para bairros rurais.

A figura 3 mostra que a população urbana viçosense ultrapassou a população rural após a década de 1960, todavia, esse fato não se deu apenas devido ao êxodo rural, mas principalmente pelo fato de o crescimento da UFV ter atraído grande número de pessoas (professores, estudantes, pesquisadores, servidores) e indiretamente com o aumento do comércio. Esses novos moradores passaram a ser fundamentais para a economia de Viçosa¹¹.

Figura 3. Evolução da população do município de Viçosa-MG, 1960 a 2000.



Fonte: IBGE Censo 2000.

¹¹ Em períodos de greve, quando há um grande esvaziamento da cidade, vários estabelecimentos comerciais têm apresentando grandes prejuízos. Em decorrência disto, no período de férias, muitos comerciantes aproveitam para dar férias aos seus empregados ou fazer reformas.

6 VIOLEIRA: DE ROÇA A BAIRRO URBANO

6.1 Caracterização e crescimento do bairro Violeira

O bairro Violeira está localizado no município de Viçosa, MG. O acesso pode ser feito por três caminhos, pela Rodovia Marechal Castelo Branco (BR 120 - Viçosa/Ponte Nova) há duas entradas, e o terceiro acesso é por meio da rodovia MG 280 (Viçosa/Ubá. Na Rodovia Marechal Castelo Branco (ao lado da entrada do clube campestre), encontra-se o acesso de maior fluxo de pessoas, por estar próximo a área com concentração de habitantes do bairro (o condomínio Recanto da Serra e a Vila), sendo, inclusive, aquele utilizado pelo transporte público municipal. O segundo acesso, na mesma rodovia, ao lado ESUV-Escola de Ensino Superior de Viçosa, possui inclinação muito intensa e, devido à falta de calçamento no período de chuvas, é impossível a passagem de veículos automotivos e algumas vezes de pedestres. O acesso pela rodovia MG 280 é realizado por uma estreita estrada de terra que, no período das chuvas, fica com muitos buracos.

Em relação à estrutura do bairro, faz poucos anos que esse possui energia elétrica, não possuindo, ainda, comércio, apenas pequenos bares, alguns desses com escassos itens encontrados em supermercados. Não há escola de ensino fundamental e médio, posto de saúde, área de lazer pública, apenas existe um campo de futebol particular. A rua principal possui calçamento de pedras, entretanto está cheio de buracos. Na época das chuvas, devido à insuficiente quantidade de cascalho nas ruas, há muita erosão dessas, formando valetas, buracos, poças e muita lama. No período chuvoso, algumas ruas sem calçamento são cascalhadas pela Prefeitura Municipal de Viçosa.

Hoje, o bairro se encontra dividido: a parte mais próxima à Rodovia Marechal Castelo Branco possui grande concentração urbana, calçamento (pedra fincada), iluminação pública, água, esgoto, acesso a linha telefônica e maior fluxo de ônibus. O outro lado do bairro compreende a maior área e apresenta residências dispostas de forma mais espaçada, algumas não possuem acesso à água, telefone e serviços do correio.

O transporte público é limitado – há dois ônibus para ir do bairro ao centro e três de retorno – e o percurso fica distante de muitas casas. Ademais, em dias chuvosos não é realizado o trajeto completo. Entretanto, um ponto interessante a ser observado é que os moradores da primeira área do bairro pagam Imposto sobre Propriedade Territorial Urbana - IPTU, enquanto os outros habitantes pagam Imposto Territorial Rural - ITR. Esse fato gera uma primeira contradição na definição do bairro como área unicamente urbana. Em relação à

Segundo Irene Alves das Graças¹², presidenta do bairro Violeira, esse possui viçosenses e pessoas provenientes de outras localidades, dentre os moradores mais recentes estão os professores e estudantes. O primeiro grupo contém os habitantes que mais participam das reuniões. A entrevistada afirma que geralmente os moradores mais atuantes são aqueles que possuem menor renda, esclarecendo que os “mais ricos”, em função da facilidade de deslocamento e acesso, não demonstram grande interesse em discutir questões como serviços urbanos (iluminação, calçamento, orelhões, entre outros). Em consequência de a prefeitura não ter política de fiscalização eficiente para impedir a ocupação clandestina do local e ter falta de recursos financeiros, o resultado é o protelamento da realização de obras, chegando a ocorrer ocupação de áreas de preservação permanente (APP).

De acordo com Eugênio Ferrarri, morador do bairro Violeira, até a década de 80, esse local era habitado predominantemente por agricultores. O processo de ocupação do bairro por professores e estudantes se deu de forma lenta, primeiramente foram alugadas as casas desocupadas e, *a posteriori*, os moradores antigos passaram a construir casas para tal função.

Conforme exposto anteriormente, a intensificação da prática da construção civil acompanhou o gradativo crescimento populacional do bairro e esse gera mudanças no tipo de pessoas que passam a habitar o Violeira. Há redução dos moradores que se ocupavam de atividades agrícolas, e surgem outras atividades de geração de renda, como pedreiro e funcionários da UFV.

O técnico do Departamento de Promoção Agrária forneceu algumas informações sobre o bairro Violeira, afirmando que esse possui apenas um produtor rural familiar de leite, cadastrado no serviço de inspeção municipal, dado esse que se mostra diferente da imagem que algumas pessoas têm, a produção agropecuária do bairro é de pequena contribuição para o município. Esse fato pode ser também observado na Feira Livre de Viçosa, realizada aos sábados, na Avenida Santa Rita de Cássia, onde se verifica que há poucos agricultores representantes do bairro, e a maioria da produção é originária de pequenas cidades vizinhas.

Em seguida, a Figura 5 apresenta quase a totalidade da área do bairro, onde é possível perceber a existência de número reduzido de residências e ruas dispostas sem ter sido feito um planejamento prévio, presença de matas nativas em alguns topos de morros e de áreas de cultivo e pasto. Na figura 15, em anexo, é possível observar essa mesma fotografia com a identificação de algumas áreas do bairro que são referenciadas no decorrer deste trabalho.

¹² Realizada em 25 de setembro de 2007, em conjunto com a geógrafa Gislene Higino de Jesus.

Figura 5. Imagem aérea do Bairro Violeira



Fonte: NEPUT- Núcleo de Estudos sobre o Planejamento e Uso da Terra, 2004.

Em relação ao crescimento do bairro Violeira, esse segue o padrão dos bairros mais antigos de Viçosa, nos quais ocorreu expansão sem planejamento, através da venda de terrenos fragmentados em lotes sem o devido desmembramento jurídico. Segundo técnico da prefeitura, na maior área do bairro ocorreu processo de “chacreamento”, que se configura em um sítio, ou uma área maior, que é dividido e vendido sem planejamento. A prefeitura tem dificuldade na fiscalização da ocupação desses bairros clandestinos, que compreendem média de 65% (valor estimado por José Luís de Freitas, técnico do IPLAM de Viçosa, MG) da população da cidade.

Em decorrência da cobrança de benfeitorias à prefeitura, feita pelos moradores das áreas de ocupação irregular, os bairros clandestinos passam a ser legalizados e gradualmente o local passa a ser assistido com a implantação de infra-estruturas e regularização do desmembramento dos lotes.

Na área central de Viçosa, há grandes investimentos de especulação imobiliária, imóveis são comprados na expectativa de valorização dessas áreas. O técnico da prefeitura afirma que a informalidade não vem sendo reproduzida somente por pessoas carentes, mas também por pessoas de maior poder aquisitivo como políticos, estudantes e funcionários da

UFV. Devido à procura de terrenos e imóveis no bairro Violeira, os moradores mais antigos passam a dividir ou vendê-los. Posteriormente, com o crescente interesse por essa área, os lotes e casas passam a ser valorizados. O representante da prefeitura afirma que o lote ilegal dificulta o controle e compreensão do aumento do valor e das vendas, entretanto, é consenso que existe grande valorização dessas áreas.

6.2 O cotidiano e as relações entre os moradores

O bairro Violeira é composto por agricultores, ex-agricultores, filhos e netos de agricultores, funcionários e pessoas vinculadas à UFV (estudantes, professores e servidores), pedreiros e empregadas domésticas. Com exceção dos funcionários da UFV, as outras atividades de geração de renda são realizadas no próprio bairro, ou em outros bairros próximos. Portanto, pode-se concluir que há diversidade socioeconômica de moradores, além de origens diversas, já que grande parte dos novos moradores veio de outras cidades.

Nas entrevistas, feitas no bairro, buscou-se apreender o cotidiano e como se dão as relações entre os moradores do Violeira. Foi possível perceber que habitantes novos e antigos conhecem apenas seus vizinhos mais próximos, sendo que 33,3% dos novos residentes dizem não conhecer seus vizinhos distantes, e 60% dos residentes antigos comungam do mesmo julgamento. Os primeiros justificam a falta de tempo e o fato de não passarem a maior parte do dia no bairro. Enquanto isso, os moradores antigos colocaram a dificuldade de conhecer os estudantes, pois moram no bairro há pouco tempo, o que dificulta criar laços com os vizinhos distantes.

Professores e estudantes universitários possuem uma rotina na UFV, saem cedo de casa e retornam ao final da tarde ou à noite. Dentre os habitantes mais antigos entrevistados, 66,6% dos entrevistados permanecem mais tempo em casa fazendo os serviços domésticos, e o restante passa a maior parte do dia na escola e no trabalho.

Pode-se perceber, através da rotina dos entrevistados, que, durante a semana (de segunda a sexta-feira), há pouco tempo disponível para estabelecer interação e convívio entre os moradores antigos e novos, devido ao fato de a maioria das atividades econômicas de geração de renda ser realizada fora do bairro.

Quando foram perguntados sobre suas atividades nos finais de semana, notou-se que 40% dos moradores antigos permanecem em casa, 26,6% visitam parentes, 33,3% participam da missa ou de cultos ou vão ao centro da cidade. Os moradores novos também ficam em casa ou na casa de familiares, visitam amigos e viajam.

Entre essas opções de atividades nos fins de semana, observou-se que, novamente, não estão presente as atividades de integração entre os diferentes grupos de moradores, fato que se explica pela reclamação de um entrevistado e residente antigo da falta de um lugar no bairro “pra divertir”.

Os moradores do bairro foram questionados sobre quais seriam as atividades realizadas que consideram diversão. Ao formularem as respostas foi possível observar dificuldade de definir o que compreendem enquanto divertimento. As respostas dos moradores antigos envolvem assistir televisão, ir à piscina, visitar a família e ficar em casa. Sessenta por cento desses entrevistados disseram que, no bairro, não há um local para diversão e 20% consideram o campo de futebol particular como espaço de entretenimento.

Os moradores novos colocaram que, para se divertir, vão à “cidade” - referindo-se à área central de Viçosa - em festas, restaurantes e bares; ou assistem filmes, permanecem em casa, se reúnem com amigos, vão às festas realizadas nos sítios da Jibóia, ou no Dom Mingote, organizadas geralmente por estudantes da UFV, e ao bar da Marieta, localizado em frente ao campo de futebol. Por volta de três anos atrás, existia no bairro o restaurante Severina Bistrô, localizado próximo ao Campo de futebol que foi, por algumas vezes, utilizado como local de festas. Também havia (em torno de dois anos atrás) o bar e lanchonete Rancho da Violeira, que abrangia público de classe média e baixa. Hoje, o bairro possui o bar Ponteio, em frente ao Condomínio Recanto da Serra.

Retomando as respostas dadas em relação aos locais de diversão do próprio bairro, 20% dos moradores novos apontaram o campo do CTA (nos fins de semana um grupo reduzido de pessoas joga futebol e vôlei).

A partir dessas informações é possível compreender que a dificuldade de integração entre os diferentes moradores do bairro é resultante de as rotinas, costumes e atividades realizadas serem distintas e/ou porque são executadas em lugares diferentes.

7 DESENHANDO A VIOLEIRA COM DIFERENTES PINCÉIS

7.1-A representação e o espaço

Segundo Werther Holzer (2001) o conceito de paisagem foi primeiramente considerado como objeto central dos estudos da geografia e posteriormente, outros conceitos foram considerados mais adequados às necessidades contemporâneas. O autor coloca que o problema inicial do estudo da paisagem para a geografia é que esse conceito está ligado a um significado estético por haver insuficiente reflexão dentro da filosofia. A principal compreensão da paisagem para outras disciplinas e para o senso comum do pensamento ocidental é de “uma porção do espaço que pode ser observada com um golpe de vista.” (Holzer, 2001, p.150)

Cosgrove (1984) citado por Holzer (2001), delimita a paisagem enquanto um conceito cultural ocidental surgido com o renascimento. Este conceito está inserido num debate que é composto por dois pontos de vista:

[...] a do trabalho humano tornado visível e o da representação do mundo enquanto fonte de apreciação estética. [...] A paisagem seria então um modo europeu de ver o mundo, através do qual eles representariam a si mesmos e aos outros. A paisagem seria um modo de ver o mundo, onde se confrontariam o olhar do nativo e o olhar do estrangeiro. (HOLZER, 2001, p.159)

A paisagem, de acordo com Holzer (2001) não deve ser analisada como se fosse a observação de uma “cena”, pois envolve generalizações originadas de outras cenas individuais pois cada indivíduo apreende de formas diferentes uma mesma paisagem conforme as variações existentes na relação do homem com o ambiente. Deste modo, o autor acredita que é função do geógrafo a redefinição e reinterpretação do habitat.

Neste mesmo sentido, Lowenthal (1968) apud Holzer (2001), acrescenta que “As paisagens são formadas pelas preferências paisagísticas. As pessoas vêem seu entorno através das lentes da preferência e do costume, e tendem a moldar o mundo a partir do que vêem.” (HOLZER, 2001, p.155).

No período que compreende a década de 20 ao início dos anos 60, a geografia cultural tinha como preocupação estabelecer bases metodológicas que atendessem seus estudos, no entanto, nos anos 60 os trabalhos passam dar ênfase ao estudo das atitudes e preferências que já, segundo Sauer (1983a) mencionado por Holzer (2001), podiam ser inventadas ou adquiridas.

[...] Esta preocupação epistemológica, surgida no seio da geografia cultural, acompanha uma tendência do pensamento saueriano de considerar como relevantes para a disciplina tanto o pensamento científico quanto o pensamento das outras pessoas [...] Para Lowenthal (1961), formulador de um projeto epistemológico renovador, a geografia era a ciência que mais se aproximava da incorporação sem mediações de elementos da vida cotidiana, que deveriam ser considerados em suas particularidades a partir da inclusão dos mundos vividos pessoais com dado concreto da disciplina. (HOLZER, 2001, p.155)

Holzer (2001) expõe que em meados dos anos 70, estudos referentes à “percepção ambiental” limitava-se a métodos de “avaliação da paisagem” vinculados aos seus atributos visuais, se atendo as características estéticas. Em contraposição a esta vertente, Rio (2001) acrescenta que surgem novas perspectivas teóricas a partir da segunda metade da década de 1970, passando a geografia cultural por modificações. A autora apresenta que estudiosos como Cosgrove, Berque, Claval retomam o estudo da paisagem e da cultura, entretanto baseada na morfologia da paisagem.

Segundo Cosgrove (1998) apud Rio (2001):

[...] As transformações e a ampliação da temática da geografia cultural têm, por conseguinte rebatimento nas concepções, análises e conceitos elaborados pela geografia econômica [...] profundas alterações nas interpretações sobre o comportamento dos indivíduos, grupos, organizações e instituições. Essas mudanças colocam questões sobre a pluriatividade de espaços, a coexistência, num mesmo espaço de múltiplos patamares de significados e culturas diferentes [...] (RIO, 2001, p.124).

Sauter (1979), apud Holzer (2001), relaciona o ressurgimento do interesse pela paisagem ao interesse capitalista de transformar esta em mercadoria, promovendo um “fetichismo da paisagem”. Neste sentido, Hasbaert (1999) menciona a importância de defender a diferença em oposição a homogeneização do mundo globalizado, resistindo:

[...] ao sem-sentido de uma sociedade globalmente mercantilizada e onde tudo é passível de transformar-se em valor contábil [...] Paralelo a esta mercantilização, a identidade também pode ressurgir como uma forma, consciente ou não, de contraposição ao processo excludente engendrado pela globalização. (p.170-171)

Rio (2001) acrescenta que os processos que promovem a produção do espaço são significativos e, conseqüentemente, as estruturas de controle, poder, apropriação e representação são histórica e geograficamente distintos. Estas necessitam se melhor

entendidas. Para a autora o processo de construção de imagens do espaço pode se dar através da naturalização de elementos que através de discursos ideológicos podem promover a estruturação e reestruturação do espaço.

A geografia, conforme afirma Holzer (2001) é viabilizada enquanto disciplina acadêmica no princípio do século XX, tendo como objeto o estudo da paisagem. Os precursores desta geografia associavam a paisagem a amplas porções do espaço que possuíssem homogeneidade em relação a características físicas e culturais, permitindo constituir uma individualidade em relação a outras áreas.

O termo paisagem foi apropriado pela geografia francesa, porém, destituíram-no do sentido renascentista, e foi reincorporado por Sauer - grande difusor deste conceito - como termo central da geografia, obtendo um sentido mais amplo do que o observado “com um golpe de vista”. Conforme Sauer (1983a) citado por Holzer (2001) a paisagem é “a união das qualidades físicas das áreas significativas para o homem, e da formas como esta é utilizada” (p. 154), porém esta reflexão traz um problema para a geografia, a localização dos modos de vida.

Holzer (2001) expõe que o conceito de paisagem possui um limitante para o geógrafo em decorrência da dificuldade de se identificar áreas física e culturalmente homogêneas de todas as latitudes. Assim, o conceito se torna difícil de definição ou passível de definição parcial. O autor remete-se também a um problema atual acerca da localização dos modos de vida, que é de:

Como defini-los, como identificá-los, atribuir-lhes uma constituição reconhecível, como estabelecer limites, num momento em que se globalizam as relações intersubjetivas, em que se “deslocalizam” as relações culturais, as identidades e o imaginário, com a difusão dos meios de informação. (p.165).

Buscando solucionar os problemas colocados, o autor propõe que se radicalize o estudo geográfico, buscando a raiz dos seus conceitos e de seus problemas, negando o isolamento entre sujeito e objeto, assim seria possível o outro ser aceito em suas diferenças e de fazer parte na construção do Mundo.

Em consonância com o exposto, Castells (1998b) apud Hasbaert (1999), afirma que passamos por um período de crise de valores e de sentidos onde traz a necessidade de retomar a discussão sobre identidade, que envolve “a construção da vida, das instituições e da política” (p.170), através das identidades coletivas, ademais Haesbart (1999) compreende que:

A identidade, em primeiro lugar, pode tanto estar referida a pessoas como a objetos, coisas. Em segundo lugar, ela implica uma relação de semelhança ou de igualdade. Este é talvez seu maior paradoxo: encontrar a igualdade num “objeto” ou “pessoa”, ou seja, defini-la a partir de características que a revelem na sua totalidade, na sua “inteireza”, encontrar um significado, um sentido geral e comum. (p.173)

Segundo o autor a identidade individual pode ser essencial para se formar uma identidade social mais ampla. O território pode servir de referência para a construção de uma identidade, o espaço é um elemento estruturador da identidade.

Conforme já apresentado este trabalho se propõe fazer uma reflexão a respeito das diferentes representações sobre o urbano e rural, empregando a concepção de que:

“O conceito de paisagem não pode perder seu significado essencial, no sentido fenomenológico, de uma formação intersubjetiva de determinada porção da Terra delimitada por cultura relativamente homogênea, sendo que tal delimitação reflete o trabalho coletivo do homem sobre a Terra. Ela representa o acúmulo, através da memória, e o descarte, pelo esquecimento, das expressões e associações culturais que se definem sobre o espaço geográfico e que são de base do ser social das pessoas.” (HOLZER, 2001, p.165).

E entendendo, como expõe Woortmann (2004) que a “percepção da relação entre o homem e a natureza [...] expressa não apenas relações técnicas, mas também princípios morais.” (p.133).

7.2-Como os agentes imobiliários representam o bairro

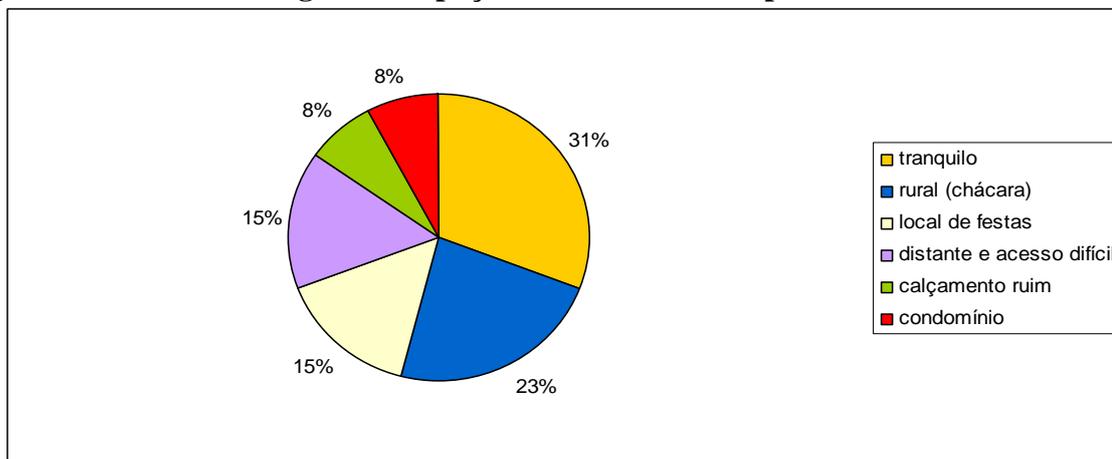
Para apreensão das diferentes imagens, representações e identidades a respeito do bairro Virolândia foram feitas entrevistas cujas análises se encontram a seguir.

A partir das entrevistas feitas aos funcionários das sete principais imobiliárias (Líber, Lovi, Predial, Chequer, Habitar, VHD e Pinheiro Imóveis) buscou-se apreender a imagem que estes possuíam acerca do bairro e obteve-se como resposta principalmente a tranquilidade, a ruralidade. Também de ser um lugar distante do centro, um local de festas e da infraestrutura como o calçamento serem ruins.

Podemos perceber a partir da análise da Figura 6, elaborado a partir das respostas dos representantes das imobiliárias, que dentre as diferentes imagens do espaço do bairro Virolândia, as mais recorrentes são a tranquilidade e ruralidade, seguidos do local ser utilizado para festas

e distante. As duas primeiras caracterizações podem mostrar um vínculo da imagem do rural à tranquilidade.

Figura 6. Diferentes Imagens do espaço do bairro Violeira pelas Imobiliárias.



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

Dentre as sete imobiliárias entrevistadas, apenas três possuem imóveis para venda e aluguel. Estes estão disponíveis para venda nos condomínios Recanto da Serra e Sem Domínio no valor de trezentos mil reais. No primeiro condomínio há uma casa alugada no valor de oitocentos reais, enquanto no segundo o valor do aluguel é seiscentos e cinquenta reais. Próximo ao condomínio Sem Domínio há uma casa antiga de quatro quartos, disponível para aluguel no valor de duzentos e oitenta reais.

O fato de haver uma reduzida presença de residências ou terrenos para a venda ou para locação pode acontecer meramente em decorrência dos proprietários não procurarem as imobiliárias para fazer as negociações de seus imóveis.

Outra explicação plausível é que pelos loteamentos do bairro serem em quase sua totalidade ilegais e clandestinos, a maioria das negociações de vendas e aluguéis acabam sendo feitos diretamente com o dono, que algumas vezes mora próximo a casa alugada.

Em função do exposto, pode-se perceber uma grande diferença nos acordos travados, pois quando o aluguel é feito com o dono do imóvel (fora da imobiliária) geralmente não há um contrato assinado, e o acordo se fundamenta na confiança mútua. Esta é uma característica de comunidades onde é possível observar laços de solidariedade e respeito, por não ser necessário um papel assinado, basta apenas a “palavra” (conversa) como garantia.

Em relação ao conceito (Rural ou Urbano) mais indicado para classificar o bairro, houve uma opinião predominante que o bairro é rural (cinco das sete entrevistas) por ser

distante do centro da cidade, possuir acesso difícil, ter chácaras e sítios, as casas serem afastadas, faltar planejamento e “não possuir muita coisa”.

Esta última colocação nos remete a idéia que o rural é o lugar da ausência, em oposição ao urbano, onde se pode encontrar de tudo. Em referência às limitações de equipamentos urbanos presentes no bairro uma funcionária entrevistada disse que “quem mora lá tem que casar com a casa”, pois os imóveis são difíceis de serem vendidos, e o público que se interessa por lugares como esse, com fortes características rurais é muito restrito.

Em contraposição foi questionado o que compreenderia o urbano, obtendo-se as seguintes respostas: é o lugar onde há infra-estruturas, circulação de pessoas, as ruas são calçadas, concentração de casas, possui documentação para fazer loteamento e “tem de tudo”.

Posteriormente foi questionado qual seria a melhor forma de propaganda imobiliária do bairro no caso de um empreendimento residencial: devem-se afirmar as características rurais ou urbanas? Cinco das sete respostas se referem ao conceito de rural, objetivando explorar a tranqüilidade, a qualidade de vida, a proximidade da natureza e a presença de sítios e chácaras.

Dentre os entrevistados houve um que acredita estar a conceituação (rural/urbano) vinculada ao tipo de empreendimento que se deseja implantar. No caso de um condomínio o ideal seria explorar a imagem urbana e em um loteamento de chácaras seria a imagem do rural. A única imobiliária que escolheu como melhor propaganda a afirmação do urbano justificou considerando que o bairro Viçosa seria uma área urbana com o diferencial de possuir elementos que não são encontrados em áreas de grande concentração urbana, como a qualidade de vida com menos barulho e um bom relacionamento com a vizinhança. Este último ponto colocado leva a reflexão sobre as diferenças não somente estruturais, mas também comportamentais ou de convivência entre os moradores urbanos e rurais.

Alguns moradores da zona urbana não conhecem seus vizinhos ou não se relacionam com estes por diferentes fatores como a falta de tempo e a falta de interesse. Estes pontos são agravados quando diz respeito a uma cidade universitária como Viçosa, onde os estudantes permanecem por períodos pequenos num mesmo local em decorrência de variações e aumentos nos preços de aluguel e dificuldades de convivência com os outros moradores da mesma residência; fatos estes que geram restrições na criação de vínculos afetivos com os vizinhos. Outra problemática da presença dos estudantes são as festas realizadas por estes, nas quais o excesso de barulho incomoda a vizinhança. Diante deste quadro, há moradores da

zona urbana que preferem se distanciar dos vizinhos buscando lugares onde haja casas mais espaçadas.

Enquanto isto, na zona rural tradicionalmente a vizinhança tem um grande laço de solidariedade (troca de favores, de produtos), não sendo incomum chegar a uma casa rural no horário do almoço e ser convidado para a refeição e haver comida em abundância. Contudo, isso não significa que seja uma família rica, mas sim que são pessoas receptivas, hospitaleiras e solidárias. Neste sentido, é possível perceber que entre o rural e o urbano existem diferenças de valores, ou seja, divergência no que é importante para as pessoas que habitam esses lugares e isso é o que define a ação das pessoas ou grupos neles. As relações e valores que diferentes grupos possuem levam à formação da identidade coletiva para com o lugar. Grupos sociais distintos apresentam divergentes identidades e, portanto representações acerca do mesmo lugar.

Em relação à convivência com os vizinhos e a diferenciação do rural e do urbano, houve um funcionário entrevistado que expôs que “em Viçosa não se encontra mais uma boa vizinhança, há muitos flutuantes” devido à dinâmica da universidade que atrai um grande contingente de estudantes para cidade que permanecem apenas durante o período necessário à conclusão da graduação ou pós-graduação. Esse fato permite justificar porque professores são moradores mais antigos do bairro em relação aos estudantes, inclusive quase a totalidade dos primeiros possui casas próprias no bairro, enquanto todos os estudantes entrevistados alugam.

Em seguida, os funcionários das imobiliárias traçaram o perfil do que acreditam compreender a população residente no bairro. Houve convergência de opiniões em relação aos habitantes serem diversificados, estes compreendem todas as classes sociais, e possuem um caráter mais familiar, sendo que dentre os moradores mais recentes se encontram principalmente estudantes e professores.

Por fim cada entrevistado analisou três fotografias do bairro (figura 7) e escolheu a que acreditava ser mais representativa deste lugar. Cinco dos sete entrevistados das imobiliárias elegeram a terceira fotografia:

Figura 7. foto 1-Recanto da Serra; foto 2-Vila; foto 3 – área mais distante da rodovia



Fonte: fotografias retiradas em ida a campo em outubro de 2007

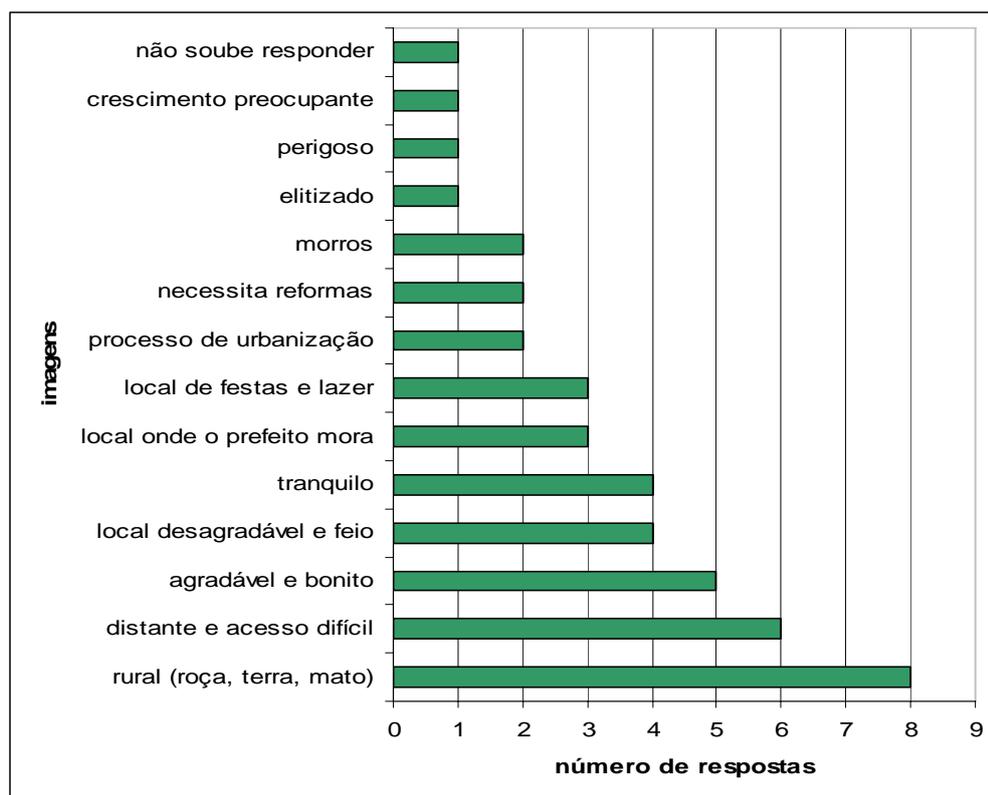
A justificativa dada foi por acreditar que o bairro possui um predomínio de casas afastadas e lotes com características de sítios e chácaras, compreendendo um espaço não urbanizado. Entretanto um dos entrevistados tem consciência de que essa é a maior área do bairro, mas não corresponde a sua totalidade, pois todas as três fotos apresentadas pertencem ao bairro Violeira. O único entrevistado que escolheu a primeira fotografia - do condomínio Recanto da Serra- como a mais representativa do bairro, conhece apenas esse lugar do bairro.

7.3 O olhar de moradores de outros bairros da cidade sobre o Violeira

Durante as entrevistas foram abordadas trinta e sete pessoas, sendo que 18% (sete pessoas) não sabiam da existência do bairro. Dos trinta transeuntes que responderam a enquete, cinco nunca haviam visitado o bairro e, portanto, deram sua resposta baseada no que ouviram falar deste lugar. A maioria dos entrevistados conhece pouco o bairro, foram apenas restritas vezes ao local e/ou já faz anos que não retornam lá.

Ao serem interrogados a respeito da imagem que fazem do local, houve uma grande diversidade de opiniões, sendo que os comentários mais recorrentes foram que o bairro é tranquilo, rural, distante e é onde o prefeito mora. Houve uma grande similitude entre opiniões positivas do bairro (bonito, gostoso e bom) e negativas (feio, ruim, desastre e piorou). Tais respostas estão identificadas na figura 8.

Figura 8. Diferentes Imagens do Bairro Violeira pelos moradores de outros bairros.



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

Vinte e três entrevistados, aproximadamente 76,6%, não possuem interesse em morar no bairro, tendo como principais justificativas o fato de considerarem seus bairros melhores (por apresentarem melhor infra-estrutura e serem mais próximos), o bairro ser distante do centro, ter um acesso difícil em função da reduzida quantidade de ônibus, a existência de morros e o pouco conhecimento que possui do local. Houve apenas uma pessoa que não soube responder, enquanto que seis pessoas (20%) afirmaram ser o bairro tranquilo, rural e bonito.

Compreender se o bairro possui ou não relação com o restante da cidade foi uma pergunta de grande dificuldade e diversidade de respostas. Dos que responderam positivamente, 60% (dezoito pessoas) acreditam que esse vínculo está baseado, sobretudo nas questões econômicas como a produção agrícola gerada no bairro, o pagamento do IPTU por muitas pessoas morarem no bairro, e devido ao fato de ser uma área de expansão da cidade. Foi interessante perceber que apesar de muitos não saberem justificar a importância ou contribuição do bairro para com a cidade, 13,3% disseram que todo bairro é importante para a cidade. Só três pessoas não souberam opinar.

Quando perguntados sobre qual seria o perfil dos moradores do bairro, os entrevistados responderam que a população é mesclada, havendo classe média e classe baixa,

“pessoas comuns”, e inclusive o prefeito Raimundo Nonato Cardoso, conhecido como “Raimundo da Violeira”.

A categoria rural foi a com maior frequência (70% dos entrevistados de outros bairros) utilizada para definir o bairro. Esta caracterização foi dada em decorrência de estar distante da cidade, não haver um bom calçamento das ruas, possuir casas espaçadas, haver a presença de atividades rurais (agropecuária) e, por isso, ser considerado por 13,33% como “roça” (local onde tem lavoura). Dois entrevistados colocaram a falta de infra-estrutura (mercado, shopping, farmácia, padaria, e demais estabelecimentos comerciais) do bairro releva a sua ruralidade. Em oposição a essa opinião majoritária, 30% dos entrevistados acreditam que o bairro é uma área urbana principalmente, pois existem muitas casas e habitantes, e ser um bairro conhecido.

Aos entrevistados que consideraram o bairro como rural, foi perguntado o que seria uma área urbana. Dentre as respostas obtidas, a respectiva área compreenderia um local com infra-estrutura, concentração de casas, acesso fácil e próximo ao centro da cidade, além de ser um local movimentado com grande fluxo de pessoas. Para as pessoas que acreditam que o bairro é urbano, a opinião a respeito do espaço rural e que neste o acesso é difícil, falta infra-estrutura e há a presença de atividades rurais.

A partir desses julgamentos é possível perceber que na realidade as definições do rural e do urbano têm grande proximidade, quando não são iguais. Entretanto, são definições que possuem não estão delimitadas, permanecendo no campo da subjetividade de cada pessoa. Por exemplo, um bairro pode ser distante para algumas ou próximo para outras, assim como as infra-estruturas existentes no mesmo serem suficientes ou não. Isto leva a entender que as opiniões são resultado dos históricos e das vivências de cada entrevistado.

Ao serem questionados quais elementos colocariam em um desenho que representasse o bairro, houve uma grande dificuldade de compreensão da questão, muitas pessoas não conseguiram traçar um desenho da realidade atual do bairro, e colocaram elementos que gostariam que fizesse parte de um futuro próximo do bairro. A idéia de um desenho levou as pessoas a entrarem no plano ideal, do sonho e não de como é possível representar o real. Todavia, após uma nova explicação da pergunta cinco pessoas ainda não conseguiram compreender, mas os outros responderam principalmente que o desenho conteria uma estrada de terra ou sem calçamento, casas, árvores, verde, mato, um campo de futebol e Dom Mingote (que é um local de realização de eventos festivos).

Finalmente foram apresentadas as fotografias que geraram uma grande divergência a respeito de qual seria a mais representativa do bairro devido a dois fatores. O primeiro fator,

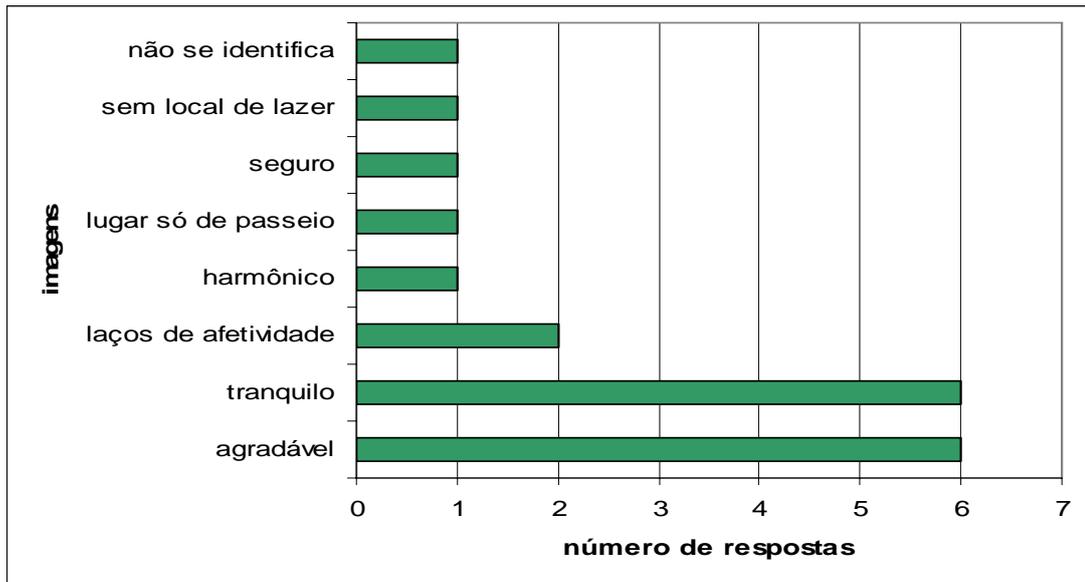
colocado expõe que algumas pessoas idealizavam o bairro e não conseguiam responder baseado no que conhecem da realidade atual e em segundo lugar havia pessoas que por nunca terem visitado o bairro o imaginavam igual ou parecido com outros bairros próximos ao centro. Por esses motivos foi possível observar 20% dos entrevistados escolhendo a fotografia do condomínio Recanto da Serra. Aproximadamente 47% dos entrevistados escolheram a segunda, devido à relativa concentração de casas, ao calçamento ruim e representar uma imagem de um local em transição do rural para o urbano. E por fim, 30% optaram pela última foto pelo espaçamento das casas, a presença de lotes vagos e a aparência de sítio e chácaras. 3% dos entrevistados não souberam responder.

7.4 A representação do bairro pelos moradores novos e antigos

A partir das entrevistas, foi possível perceber que a principal identificação dos moradores mais antigos com o local é com a idéia de tranquilidade, e de ser um lugar gostoso e bom de morar. Essa opinião converge para a opinião dos novos residentes que acrescentaram o aspecto rural, a boa vizinhança e a presença de amigos. Em relação à vizinhança, é interessante retomar à questão colocada por um funcionário de imobiliária da dificuldade de, em Viçosa, se encontrar uma “boa vizinhança”, em decorrência de haver grande população flutuante. Essa fluidez não se mostra presente entre os moradores antigos, isso faz com que se torne um ambiente agradável, onde os vizinhos se conhecem e são muito solidários e receptivos às novas pessoas.

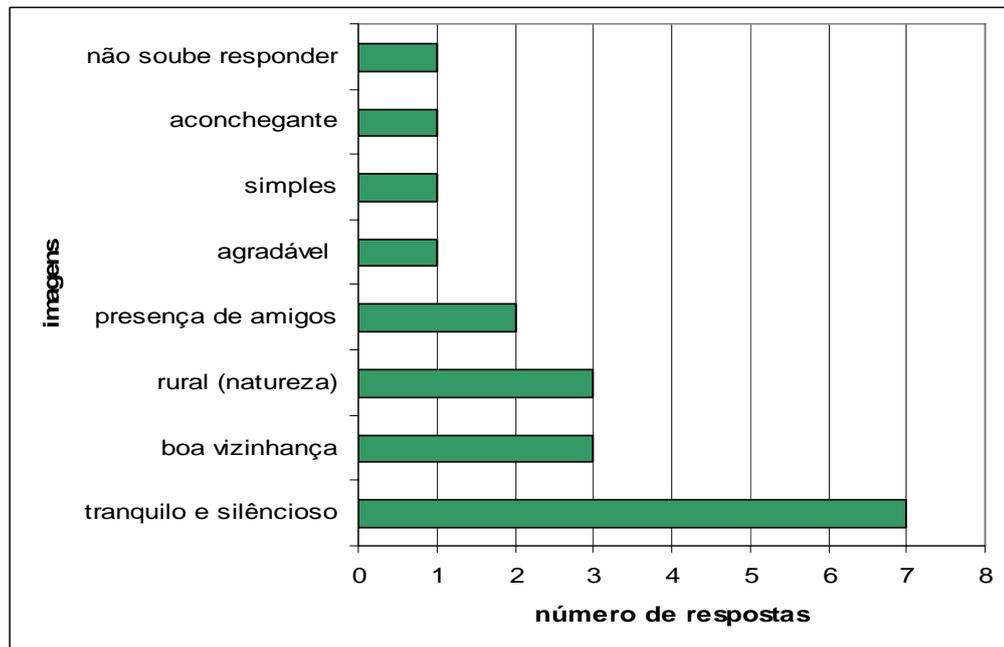
As formas como os moradores antigos e novos representam o bairro são mostradas nas figuras 9 e 10.

Figura 9. Diferentes Imagens do bairro Violeira pelos Moradores Antigos.



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

Figura 10. Diferentes Imagens do bairro Violeira pelos Moradores Novos



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

A maioria dos entrevistados que residem há mais tempo no bairro (73,3%) o concebem como área rural por motivos variados, como gastos reduzidos (exemplo, luz rural), lugar seguro, falta de calçamento e água encanada para todos os habitantes. Dentre os moradores recentes, a opinião acerca de o bairro ser identificado como urbano foi a mais presente (57%).

A fundamentação da escolha foi a presença de infra-estrutura e da proximidade com a cidade. É importante observar que muitos dos entrevistados possuem meio de locomoção. O outro grupo que considera o bairro como urbano mora no condomínio Recanto da Serra, valendo ressaltar que esse local possui infra-estrutura semelhante à existente nas áreas centrais do bairro. Além disso, nesse condomínio o poder aquisitivo dos moradores é elevado em relação às demais áreas do bairro.

Houve alguns entrevistados (13,3% dos residentes antigos e 20% dos novos) que compreendem estar o local passando por transição de rural para urbano. Fato interessante de ser ressaltado é que a metade dos moradores antigos entrevistados sempre morou no Violeira, e 26,6% residiam em áreas rurais ou bairros mais distantes, enquanto 66,6% dos moradores recentes residiam em bairros mais próximos.

A partir dessa análise é possível perceber que se trata de grupos muito diferenciados, pois os moradores antigos possuem sua principal motivação de residir no bairro: o fato de haver laços familiares e ser área de maior proximidade com o centro em relação àquela que anteriormente residiam; motivação que diverge da apresentada pelos novos habitantes, que buscam melhor qualidade de vida, com tranquilidade, o verde e a boa vizinhança. Esses elementos mostram que, dentre os moradores novos, também é perceptível variedade de intenções a respeito da ocupação do bairro. A respeito do tempo de residência no local, é perceptível pela análise das entrevistas que, dentro do grupo dos moradores novos, os que possuem maior fluidez são os estudantes.

Os entrevistados foram questionados sobre o que mais agradava e desagradava no bairro. Os habitantes novos e antigos possuem gostos convergentes, destacando-se principalmente a tranquilidade, vizinhança, natureza e o espaço da própria casa. A respeito dos aspectos que desagradam, no bairro, os residentes novos disseram que não gostam da falta de asfalto que gera lama com as chuvas de verão, o difícil acesso, o fato de ser distante do centro, da precária coleta de lixo e do serviço de ônibus. Os pontos de vista distintos a respeito do que é agradável e desagradável no bairro mostram as diferentes identidades e representações acerca do bairro.

Os moradores antigos pontuaram que gostariam que houvesse, além de estrada melhor, posto de saúde, mais ônibus e policiamento, estruturas essenciais para residentes “fixos” (que possuem residência própria no local ou que têm a pretensão de residir ali sem tempo determinado) no bairro.

Em seguida, os entrevistados expuseram suas opiniões a respeito do elemento da paisagem com o qual mais se identificavam. Dentro dos dois grupos de moradores do bairro, a principal resposta foi a presença de elementos naturais, como mata, pássaros e o verde.

Por fim, os entrevistados foram questionados sobre como avaliariam as condições de infra-estrutura urbanas disponíveis no bairro. A ideia da maioria dos moradores do bairro se manteve entre regular (33,3% dos moradores novos e 60% dos antigos) e ruim (53,3% dos moradores novos e 6,6% dos moradores antigos). As principais explicações dos moradores recentes foi o difícil acesso, falta de calçamento, limitados horários de ônibus, coleta de lixo precária e falta de outras infra-estruturas. Os habitantes mais antigos frisaram os três primeiros pontos colocados pelos residentes mais novos, além de reclamar da falta da água do SAAE, pois a proveniência é cisterna. Assim como as diferentes opiniões em relação ao que agrada e desagrada no bairro, as avaliações das infra-estruturas também mostram diferentes imagens e representações do bairro.

8 O IMAGINÁRIO MODIFICANDO A REALIDADE

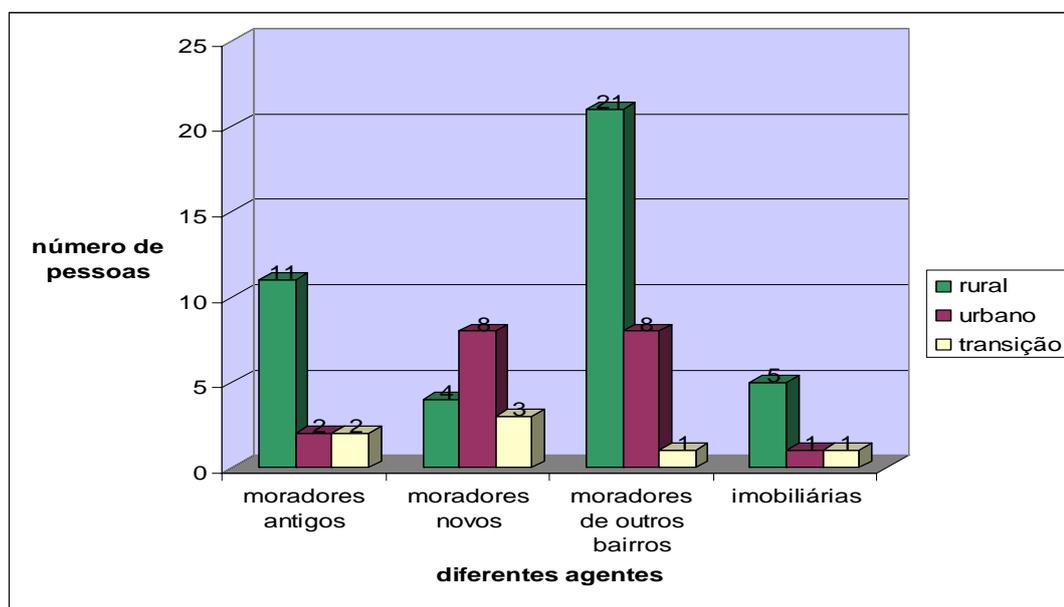
8.1 As representações e visões do futuro do bairro transformando a sua paisagem

Através das entrevistas, foi possível perceber que a maioria dos entrevistados compreende o espaço do bairro enquanto área rural e, reforçando essa análise, observa-se que os moradores novos que acreditam ser o bairro área urbana conhecem apenas a área do condomínio (Recanto da Serra) onde moram, e representam a totalidade do bairro Viçosa baseados nessa realidade. Portanto, apesar de este constituir o perímetro urbano de Viçosa, há controvérsias legais a respeito de toda a área do bairro ser compreendida enquanto urbana e, como já foi colocado, não corresponde à representação feita pelos entrevistados.

Devido ao fato de o bairro em estudo estar inserido no perímetro urbano do município de Viçosa e no Plano Diretor desde o ano de 2000, pode-se inferir que essa inclusão se dá pensando no local enquanto área de possível expansão urbana.

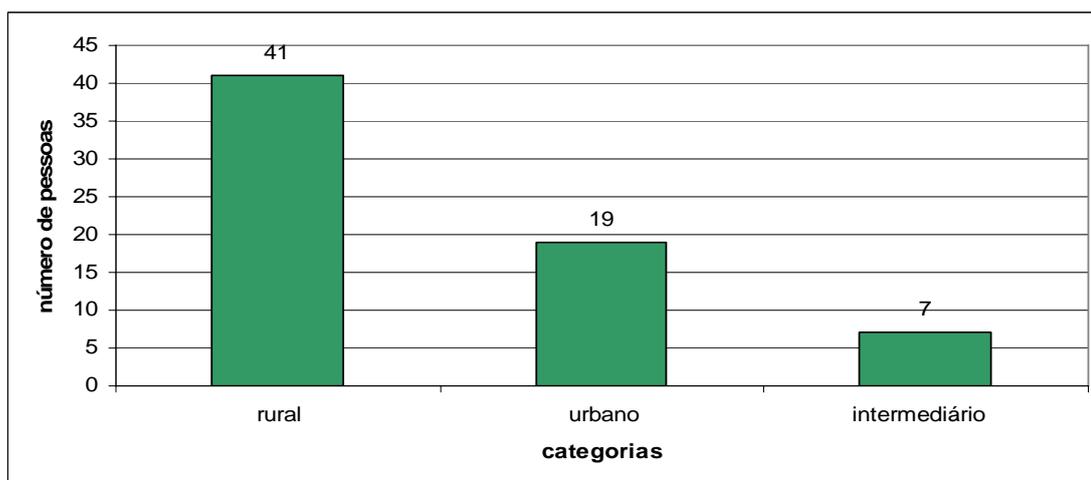
Nas figuras 11 e 12 é possível obter a sistematização dos dados das entrevistas em relação à caracterização do bairro Viçosa (rural/urbano) pelos diferentes agentes e pela totalidade dos entrevistados.

Figura 11: Caracterização do bairro Viçosa a partir dos diferentes agentes



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

Figura 12. Caracterização do bairro Violeira pelo total dos entrevistados



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

As entrevistas realizadas com as imobiliárias, moradores antigos, novos e de outros bairros possuíam questionamentos que buscavam compreender a opinião a respeito das mudanças que o bairro possa estar sofrendo e das perspectivas em relação ao futuro do Violeira.

Das imobiliárias, quatro entrevistados, dentro do total de sete, não acreditam que as mudanças que a cidade de Viçosa tem sofrido nos últimos anos provoquem profundas alterações no bairro, devido à grande especulação imobiliária estar concentrada no centro da cidade e o Violeira estar localizado distante desse. Os outros três entrevistados acreditam que o bairro tem sofrido alterações e consideram que esse está crescendo em número de construções e população, além do asfaltamento estar melhorando. As mudanças seriam geradas não apenas pela excessiva e desordenada urbanização do centro, mas também pela proximidade a outras universidades como a União de Ensino Superior de Viçosa – UNIVIÇOSA, e a Escola de Estudos Superiores de Viçosa – ESUV. Ademais, têm surgido projetos de desmembramento do *campus* da UFV para uma área que distancia apenas um quilômetro do local estudado.

Por outro lado, cabe destacar a fala de um dos entrevistados nas imobiliárias que afirmou ser o local muito distante e, antes de ocorrer a sua exploração como espaço de expansão urbana, “tem que encher o Santo Antônio¹³ todo”.

¹³ Bairro localizado ao redor do centro, no caminho para o bairro Violeira.

Para analisar a intenção de investimentos imobiliários no bairro, foi perguntado a cada entrevistado se havia interesse em fazer alguma mudança no bairro e houve quatro respostas negativas, devido ao desconhecimento do bairro e, em menor grau, o desinteresse pela área.

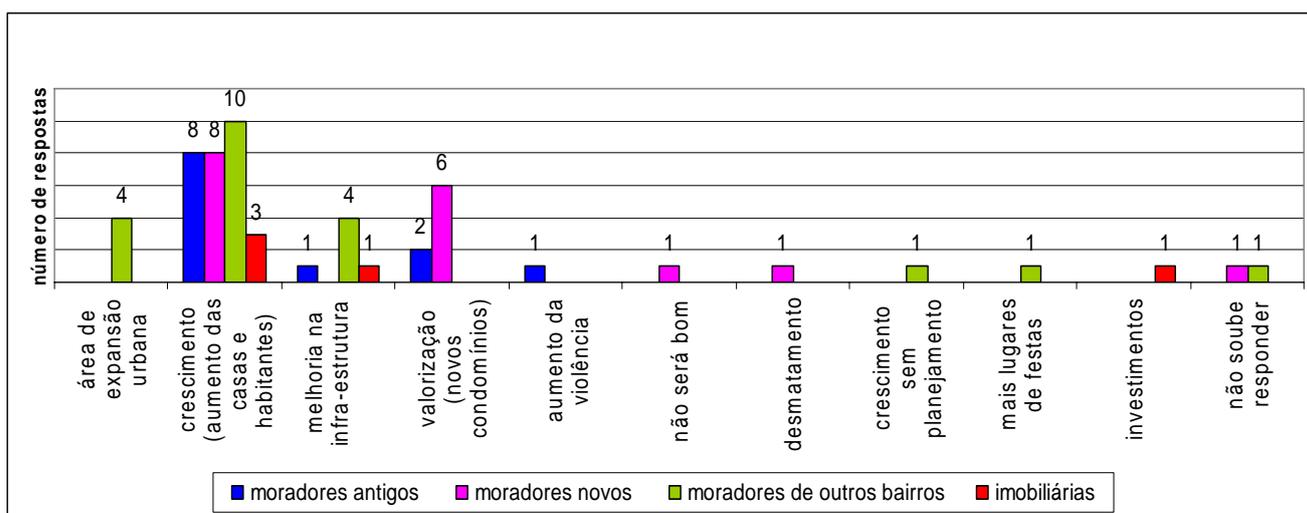
As opiniões positivas a respeito do interesse em promover modificações no bairro pontuaram a necessidade de melhorar o saneamento básico, o calçamento e a implantação de área comercial no bairro, entretanto, a existência do comércio está condicionada ao aumento da demanda desse serviço, ou seja, com o aumento de população.

Em relação ao questionamento sobre as possíveis mudanças no bairro em função do crescimento de Viçosa, vinte e um moradores, correspondendo a 70%, consideraram que o bairro tem se modificado. Essa mudança pode ser observada em função do aumento do número de moradores, de casas e dos melhoramentos na infra-estrutura. É interessante observar que, para esse grupo, diferente da opinião das imobiliárias, há grande percentual de opiniões de moradores que acreditam na perspectiva de crescimento.

Dentre os moradores do bairro que foram entrevistados, os residentes antigos disseram que haverá aumento das casas e dos lotes em função do crescimento do bairro. Em convergência com essa opinião, 40% dos moradores novos acreditam que o bairro é uma área de crescimento e expansão urbana, e 33,3% complementam a idéia, dizendo que a área está sendo valorizada.

A partir da análise das entrevistas de todos os grupos, foi possível gerar o Gráfico 8, que mostra a expectativa de futuro em relação ao bairro em estudo.

Figura 13. Expectativa acerca do futuro do bairro Viçosa pelos diferentes agentes



Fonte: Dados das entrevistas. Maio 2008

É possível observar que a maioria dos entrevistados acredita no crescimento do bairro e que o mesmo passa por processo de urbanização, portanto, que a área passará a ser valorizada devido ao aumento das infra-estruturas.

Retomando a opinião das imobiliárias, em que a maioria não acredita que o bairro seja área de visibilidade imediata, pode-se perceber que, na realidade, a imagem do bairro enquanto uma área de expansão urbana é reproduzida principalmente pelos outros grupos entrevistados. Essa afirmação pode ser embasada também através do fato de a maior área do bairro não estar regularizada para ser loteada e, portanto, possuir casas e terrenos que são vendidos ou alugados diretamente através dos donos.

Ou seja, considera-se, aqui, que os próprios moradores do bairro constroem a imagem desse lugar ser uma área de valorização e que, num futuro próximo, haverá melhorias estruturais. As representações e imagens do futuro do bairro Violeira contribuem para delinear as ações que serão tomadas no bairro, pois, a partir da perspectiva que cada agente possui se dá a atuação transformadora sobre essa realidade.

9 CONTEMPLAÇÕES FINAIS

Através das análises das imagens e representações que os diferentes agentes possuem acerca do bairro Viroleira, é possível inferir que a maioria o identifica como zona rural, e define assim a área rural como os espaços que apresentam atividades agrícolas e poucos artificializados, ou seja, que tenham sofrido reduzida ação antrópica, como é o caso dos locais de matas. Ademais, o rural também é compreendido pela “ausência” ou falta de infra-estruturas urbanas, tais como ruas asfaltadas, rede elétrica e sistema de esgotamento sanitário.

Todavia, essa representação não diminui o desejo de viver neste local, sobretudo por não conter alguns problemas urbanos, como a crescente violência, poluição, barulho, e a concentração das moradias, que limita a privacidade e tranquilidade dos residentes. Então, este espaço é valorizado por ser tranquilo e possuir ambiente natural agradável. Paradoxalmente, quando se pergunta quais as mudanças que os moradores desejariam para o bairro, a maioria responde que gostaria de melhorias infra-estruturais.

A partir dos depoimentos, consideramos que há uma expectativa dos moradores de que o bairro passe por um processo *continuum* de urbanização, sem, no entanto, projetar os impactos que tais processos trarão para o lugar. Cabe ressaltar que uma minoria de entrevistados (não moradores) representa negativamente o aspecto rural do bairro de Viroleira, ressaltando seu o difícil acesso, a distância do centro e a precariedade do transporte coletivo.

No que se refere às representações do lugar sobre o urbano, notamos que um local que onde se tem acesso a infra-estruturas, mas também se encontra a violência, poluição, barulho, e a concentração das moradias, ou seja, a qualificação negativa parece tanto no urbano quanto na área rural.

Desta forma, consideramos também que existem diferentes interpretações dos espaços rurais e urbanos, assim como é possível perceber as variações em relação à preferência de habitar em uma determinada área. Este trabalho não tinha o objetivo de concluir qual o melhor ou pior lugar, mas apenas de compreender como são classificados, pois a diversidade de opiniões não é um problema.

Há necessidade, portanto, de serem feitos mais estudos a respeito de áreas que apresentam características urbanas e rurais, no sentido de compreendê-las melhor, e de ressaltar as qualidades e não apenas as desvantagens das diferentes categorias. Dessa forma, os estudos geográficos são de fundamental importância para desvelar as relações e processos que compõem as paisagens e, assim, compreender mais claramente os conceitos de rural e urbano.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARNEIRO, Maria José. **Ruralidade: Novas Identidades em Construção**. Disponível em: http://www2.ufpa.br/ppgssqaulas/texto_ruralidade.pdf. Acesso no dia 15 de outubro 2007.

SANTOS, Milton. Da sociedade à Paisagem: O Significado do Espaço do Homem. In: SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Edusp, 2004. pp53-64.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias**. Campinas: Autores Associados, 2002.

KAGEYAMA, Angela. **Pluriatividade e ruralidade alguns aspectos metodológicos**. 1998

SARACENO, Elena. **O Conceito de Ruralidade: Problemas de Definição em Escala Européia**. Disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/nea/rurbano/textos/download/ruralidadehtml>. Acessado no dia: 15 de outubro de 2007.

ABRAMOVAY, Ricardo. **Funções e medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, texto para discussão n° 702, janeiro de 2000.

SANTOS, Milton. A Nova Urbanização: Diversificação e Complexidade. In: **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005. pp.53-61.

<http://www.ufv.br/> Organização: Gustavo Soares Sabioni e José Marcondes Borges

CALVINO, Italo. **As cidades Invisíveis**. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1995.

RIO, Gisela A. P. do. Espaço, Economia e Cultura: Uma possível agenda de pesquisa. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001.

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001.

HASBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1999.

WOORTMANN, Ellen F.. O saber tradicional camponês e inovações. In: OLIVEIRA, Ariovaldo U. de; MARQUES, Marta Inez M.. **O campo no século XXI: território da vida, de luta e da construção da justiça social**. São Paulo: Editora Casa Amarela e Editora Paz e Terra, 2004.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra livre**, São Paulo: AGB. V.18, n.19, p.95-112, jul/dez 2002.

UFV – Universidade Federal de Viçosa. **Resumo do histórico da UFV**. Disponível em <<http://www.ufv.br/pre/files/fra/catalogo2005-InformaçõesGerais.PDF>> Acesso em 8 dez 2007.

LAB-GEO, DPS. Laboratórios de Geoprocessamento do Departamento de Solos. **Mapas de Viçosa**. Universidade Federal de Viçosa- MG, 2007.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 2000**. Documentação do arquivo Rio de Janeiro: 2003. Disponível em <www.ibge.gov.br> Acesso 21 nov 2007.

IPLAM – Instituto Planejamento Municipal. **Entrevista com o Técnico do Plano Diretor**. Viçosa, 2007.

Foto aérea do bairro obtida através do Núcleo de Estudos sobre o Planejamento e Uso da Terra, NEPUT 2004.

MOREIRA, J. C. e SENE, E. **Geografia geral do Brasil: espaço geográfico e globalização**. 2.ed São paulo; Scipione, 2004, 560p.

SECRETARIA MUNICIPAL DA AGRICULTURA. **Depoimento sobre o bairro Violeira**. Prefeitura Municipal de Viçosa: 2007.

VESENTINI, J.W. e VLACH, V. **Geografia crítica: geografia do mundo desenvolvido**. 2. Ed., São Paulo: Atica, 2007, 272p.

DIAS, Marcelo Miná. **Glossário de termos utilizados em desenvolvimento rural**. Instituto Souza Cruz.

11 ANEXOS

Figuras 14. Fotografias utilizadas nas entrevistas às imobiliárias e a moradores de outros bairros



(Foto 1 – Condomínio Recanto da Serra)



(Foto 2 – Vila da Violeira, rua principal por onde passam os ônibus)



(Foto 3 – Estrada da área mais interna do bairro)

Fonte: fotografias retiradas em ida a campo em outubro de 2007

Entrevista com pessoas de outros bairros de Viçosa

Data _____ Horário _____ Idade _____

Sexo: feminino () masculino () Profissão _____

Cidade onde nasceu: _____ Há quanto tempo reside em Viçosa _____

1-Você conhece o bairro Violeira? Sim () Não ()

1.1-De que forma: ouviu falar ou já visitou?

2-Como você acha que é o bairro ou como você imagina o bairro pelo que já ouviu falar?

3-Você gostaria de morar no bairro? Por quê?

4-Você acredita que o bairro tenha alguma relação com a cidade? Qual?

5-Que tipo de pessoas você acha que mora no Violeira?

6-Como você classificaria o bairro: rural () ou urbano ()? Por quê?

6.1-Em sua opinião o que representa uma área rural e uma área urbana?

7-Você considera que o bairro esteja passando por mudanças? Quais?

8-Qual a imagem que te faz lembrar o bairro!

9-Que fotografia melhor representa o que você imagina ou conhece do bairro?1();2();3(

).

Por quê?

Entrevista com moradores antigos e novos do bairro Violeira

- 1) Qual a sua percepção de cidade? _____
- 2) Como você se identifica com o ambiente em que vive? _____
- 3) Você considera que seu bairro é: () Urbano () Rural
- 4) Onde você morava antes de se mudar para Violeira? _____
- 5) O que motivou a sua vinda para o bairro Violeira? _____
- 6) Quanto tempo você mora nesse bairro? _____
- 7) O que você mais gosta e o que menos gosta no bairro?
- 8) Mais gosta _____
- 9) Menos gosta _____
- 10) Se pudesse o que você mudaria no bairro? _____
- 11) Qual aspecto da paisagem que mais te identifica neste bairro? _____
- 12) Por quê? _____
- 13) Que tipo de expectativa você tem em relação ao crescimento/especulação verificada nos últimos tempos no bairro? _____

- 14) Qual (ais) os lugares que mais você se identifica na Violeira? _____

- 15) Você conhece todos os seus vizinhos mais próximos? () Sim () Não
- 16) Você conhece os vizinhos mais distantes? () Sim () Não
- 17) Como você avalia a infra-estrutura (serviços urbanos) do seu bairro?
() Ótima () Boa () Regular () Ruim () Péssima
- 18) Por quê? _____
- 19) Onde você passa a maior parte do seu dia? _____
- 20) O que você faz nos finais de semana? _____
- 21) Onde você diverte? _____
- 22) O que você faz para se divertir? _____
- 23) Como você se diverte em seu bairro?
- 24) Onde? _____

Entrevista em imobiliárias

Data _____ Horário _____ Idade _____

Sexo: feminino () masculino () Profissão _____

1-Há quanto tempo você trabalha com imobiliária? ____ Há quanto tempo existe esta? _____

2-Vocês possuem imóveis para aluguel ou venda no bairro Violeira? ____ Se sim, onde se localizam e qual é o preço? _____

3-Como você vê o bairro?

4-Como você classificaria o bairro: rural () ou urbano ()? Por quê?

4.1-Em sua opinião o que representa uma área rural e uma área urbana?

5-Há projetos para o Violeira? ____ Nestes projetos como o bairro é considerado: espaço rural () ou urbano ()? Como essa visão contribui para valorizar os empreendimentos?

6-Que tipo de pessoas moram no Violeira?

7-Quais as pessoas que podem vir a morar e/ou serem atraídas para o bairro?

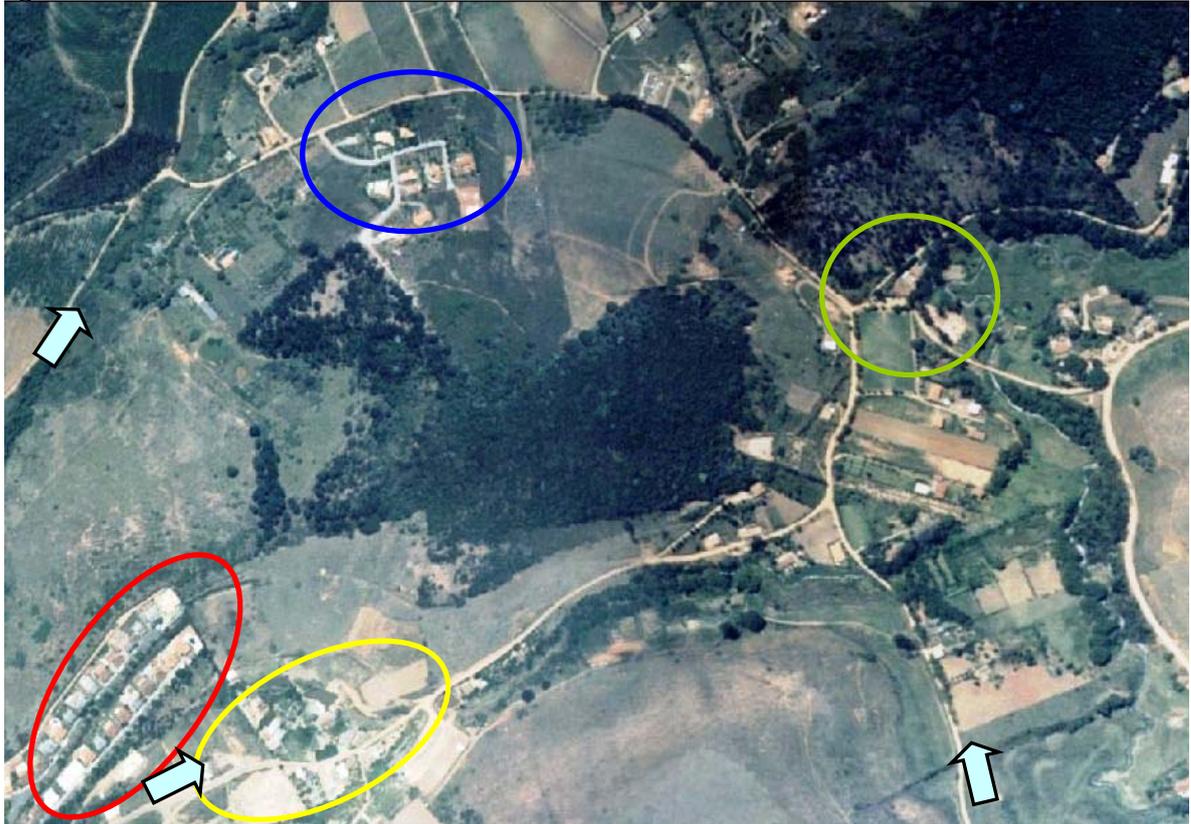
8-Você acha que o bairro tem sofrido mudanças devido ao crescimento da cidade de Viçosa nos últimos anos? Quais?

9-Você transformaria algo no bairro? O quê?

10-Há alguma propaganda impressa ou digital sobre o bairro?

11-Que fotografia melhor representa o que você imagina ou conhece do bairro? 1(); 2() ou 3(). Por quê?

Figura 15: foto aerea do bairro Violeira



Fonte da fotografia NEPUT-Núcleo de Estudos sobre o Planejamento e Uso da Terra, 2004.
As delimitações foram feitas a partir do conhecimento da graduanda acerca do bairro Violeira

⇒ Principais estradas de acesso ao bairro

Círculo vermelho – Condomínio Recanto da Serra

Círculo amarelo – Vila (onde se encontra o Sitio da Jibóia)

Círculo azul – Condomínio Sem Domínio

Círculo verde – Campo de futebol particular, Bar da Marieta e Dom Mingote

Figura 16: principal acesso ao bairro Violeira



Figura 17. Construções irregulares, sem delimitação do passeio. Figura 18. na vila da Violeira mostrando as ruas estreitas.



Figura 19 e figura 20. Respectivamente venda de lotes em imobiliária e diretamente com o dono.



Figura 21 e figura 22. Condomínio Recanto da Serra



Figura 23 e 24. Vista da vila da Violeria



Figura 25 e 26. Vista da área considerada rural da Violeira



Fonte: todas as fotos foram retiradas em visitas a campo.